

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

ELAINE PRETTO

MILITÂNCIA E ARTE: CARTOGRAFIAS DE UMA MILITÂNCIA *MENOR*

PORTO ALEGRE
2018

ELAINE PRETTO

MILITÂNCIA E ARTE: CARTOGRAFIAS DE UMA MILITÂNCIA *MENOR*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucionalização.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Jaqueline Tittoni

PORTO ALEGRE
2018

ELAINE PRETTO

Militância e Arte: cartografias de uma militância *menor*

Banca Examinadora

Dissertação _____ em ____/____/____ para obtenção do título de mestre em Psicologia Social e Institucional.

Prof^a. Dr^a. Jaqueline Tittoni
(Orientadora)

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa
(UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Vanessa Soares Maurenre
(UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Kátia Maheirie
(UFSC)

Dr^a. Ana Helena do Amarante

AGRADECIMENTOS

Desconfio se as palavras que registrarei aqui serão capazes de transmitir o sentido de minha gratidão, mas vamos lá, há que se tentar. Antes, é importante dizer que essas palavras carregam também o calor de um abraço. Um abraço apertado e caloroso de muito obrigada a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada.

Brindo a casa, brindo a vida, meus amores... Minha grande família, muito obrigada pelo apoio de sempre! Agradeço aos meus irmãos que sempre foram sinônimos de força e aconchego: *Adelar, Artur, Jandira, Edegar, Elena, Luiz e Adão*. Meu agradecimento especial à *Elena* pelo incentivo, confiança e carinho, pelos filhos lindos, meus afilhados *Vitor* e *Laura*, que enchem minha vida de alegria e leveza. É com eles que aprendo o mais sincero sentido do amor. A *Jandira*, mãezona, sempre tão generosa e amável, obrigada pelo cuidado e o carinho de sempre. Ao *Luiz*, meu parceiro e amigo, quem acompanhou de perto minhas aflições e com humor que lhe é próprio, me enchia de coragem. Agradeço as visitas surpresas, momentos de distração necessários durante o processo de escrita. Aos meus pais: *Otilia e Adão*, responsáveis por tudo isso. Agradeço pelos ensinamentos éticos, pelo posicionamento sempre à esquerda e junto dos de baixo, pelos exemplos de honestidade e senso de justiça que marcaram seus modos de viver. Agradeço por me darem o que tenho de mais valioso, a existência!

E se não bastasse ter tantos irmãos, a vida me presenteou com muitas outras. Agradeço as irmãs que nos caminhos da vida fui encontrando. À *Lara*, irmã e comadre com quem reparto os mais íntimos segredos e o mais intenso gosto pela vida. Obrigada pela confiança e pela afilhada linda que me presenteaste - *Manozinha*, menina/moça que enfeita meus dias com seu jeito meigo e doce. À *Jaque, Michelle e Aline* amigas de longa data que carrego no fundo do peito.

À *Mari*, pela companhia em muitos momentos, presença sempre reflexiva, obrigada pelas trocas repletas de reflexões sobre o mundo e sobre nós, agradeço por todas as vezes que me incentivou e me fez pensar sobre querer ou não seguir essa empreitada, pelas vezes que com delicadeza me disse que era hora de “baixar a bolinha” e diminuir a frequência. Obrigada pelas amigas que através de você tive a alegria de conhecer e hoje posso dizer que são minhas também. À *Lisiane - (Pips)*, amiga que encanta com sua sabedoria e generosidade, presença forte e vigorosa que quero sempre por perto. Obrigada pelas trocas, ensinamentos, bruxarias e por lembrar da potência que temos dentro de nós.

À *Dieni, (Didi)*, um presente de verão que chegou e ficou. Obrigada pelos encontros que transbordam vitalidade e força, pelas risadas, trocas e reflexões. Pelo abraço carinhoso e por sempre lembrar que a gente é foda!

Agradeço aos compadres *Simone e Giroto*, pelo afilhado lindo *Pedro-pedroca*. Por compartilharmos muitas das reflexões que estão presentes neste estudo. Agradeço pela alegria e cumplicidade que marcam nossos encontros.

À amiga *Claudia Fávaro*, pela disponibilidade de sempre e por não me deixar desistir.

À *Ana Helena*, parceira de todas as horas. Com quem reparto muitas de minhas angústias e alegrias. Agradeço pelo incentivo às aventuras no teatro e também na pesquisa. Por me presentear com a *Clarice* e por me fazer acreditar que não há nenhuma confirmação no final, só o que daqui a gente inventar, porque tudo aqui é invenção... Também agradeço ao grupo de Pesquisa e Experimentação Teatral “Das Duas Outras” por possibilitar a experimentação transformadora do teatro e do fazer artístico.

Agradeço especialmente à *Jaqueline Tittoni*, orientadora deste estudo. Obrigada pela acolhida e orientação sempre cuidadosa e carregada de afeto. Pela dedicação e incentivo nessas reflexões, pela paciência e cuidado destinado às dificuldades (quase paralisantes) que acompanharam esta escrita em alguns momentos. Pelas inúmeras vezes que me disse de forma carinhosa e entusiasmada: coragem!

Aos queridos *Rodrigo e Francisca*, minha mais sincera gratidão por tudo que inventamos juntos, pelos afetos, pelas inquietações e experimentações, pelo Sarau! Obrigada por enfeitar, colorir e alegrar este percurso e esta escrita.

À *Lucia Tietboehl*, amiga que encontrei no fervor de 2013, com quem reparti as problematizações deste estudo e outras tantas coisas que se desenrolaram a partir daí. Obrigada por intermediar o encontro com a *Jaque*.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa “lindo” pelas trocas compartilhadas, pelos aprendizados e pela acolhida.

Às amigas que fiz nos tempos da graduação e que seguem comigo até hoje: *Cláudia, Dani, Jacque e Maxi*. Obrigada pelas trocas e afetos, por incentivarem minhas escolhas. Pela alegria sempre presente em nossos encontros.

Aos colegas da turma de mestrado: *Marina, Daniel, Luiz Felipe, Karine e Giovana*, mais que colegas, amigos com quem compartilhei intimidades da vida. Obrigada pela força e encorajamento.

Aos movimentos e coletivos: MST; Levante Popular da Juventude; Bloco de Lutas pelo Transporte Público; Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social; agradeço as

trocas e os aprendizados que experienciei nestes espaços, pelos diversos modos de resistência presentes nestes coletivos. Aos camaradas militantes que alimentaram minhas inquietações.

Ao Comitê Latino Americano, espaço cultural e político, disseminador da cultura Latino Americana e de resistência na cidade. Lugar de encontro entre amigos e de cerveja gelada. Aproveito para agradecer xs amigxs que não mencionei aqui, mas que encontro sempre por lá.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional.

Aos professores: Luciano Bedin, Vanessa Maurenre, Kátia Maheirie e Ana Helena Amarante, pela disponibilidade em contribuir com a reflexões produzidas neste estudo.

Por fim, agradeço os amores que encontrei e desencontrei neste percurso. Parafraçando Guimarães Rosa: “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura...”.

*Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias.
Realizo o realizável, mas o irrealizável eu vivo e o significado de
mim e do mundo e de ti não é evidente.*

Clarice Lispector – Água viva

RESUMO

Este estudo situa-se na discussão sobre os movimentos sociais brasileiros contemporâneos, focando na problematização da militância e, sobretudo, das práticas militantes. O estudo toma como referência elementos teórico-conceituais da filosofia da diferença para pensar os processos de subjetivação e suas micropolíticas presentes nas formas de militância. Para tanto, aborda a experiência nas ocupações universitárias para discutir a emergência de uma *militância menor*, que se produz nas práticas cotidianas e articula os temas de gênero, classe e raça. O texto organiza-se pela produção de narrativas, onde se buscou dar evidência as experimentações do que chamamos, neste estudo, de *militância menor*, que se coloca no plano das linhas de fuga e dos devires. Aborda-se as militâncias no emaranhado de linhas e fluxos, em desenhos molares e moleculares, nos movimentos experienciados como pesquisadora e militante. A arte aparece, então, como estratégia e lugar de potência para provocar o exercício destas militâncias menores, que se abrem para devires desviantes, traidores, clandestinos que se opera nas margens.

Palavras-chave: movimentos sociais, militância, ocupação, arte.

ABSTRACT

This study is based on the discussion of contemporary Brazilian social movements, focusing on the problematization of militancy and, above all, militant practices. The study takes theoretical-conceptual elements of the philosophy of difference as reference to thinking the processes of subjectivation and its micropolitics present in the forms of militancy. To do so, it addresses the experience in university occupations to discuss the emergence of a *minor militancy*, which is produced in daily practices and articulates the themes of gender, class and race. The text is organized by the production of narratives, where it was intended to give evidence to the experiments of what we call, in this study, *minor militancy*, that is placed in the plane of the lines of flight and becomings. It addresses the militants in the entanglement of lines and flows, in molar and molecular drawings, in the movements experienced as researcher and militant. Art then appears as a strategy and a place of power to provoke the exercise of these *minor militants*, which open up to deviant becomings, traitors, clandestine ones, that operate on the margins.

Keywords: social movements, militancy, occupation, art

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 SUPORTE TEÓRICO-CONCEITUAIS.....	15
2.1 Questões teóricas ou suporte para fazer o pensamento pensar.....	15
2.2 Sobre como produzimos um texto: memórias, experiências e narrativas.....	36
3 SOBRE UM VIVER <i>MENOR</i>	43
3.1 Metamorfoseando-se.....	43
3.2 Militância e o trabalho em Políticas Públicas: Vidas que se reinventam.....	46
3.3 Militâncias Menores... Provocando desvios na Ocupação.....	56
3.4 Militância e Arte – Sobre o Sarau: um dispositivo em análise.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MAIS DE RECOMEÇO DO QUE DE FIM.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

1 APRESENTAÇÃO

Escrever sobre militância nos dias de hoje foi sem dúvida o grande desafio colocado para este estudo, diante do contexto político em que vive o país dissertar sobre esse assunto, para além de desafiador, demonstra-se um exercício necessário a ser feito.

Fiquei me perguntando como apresentar esta questão que agora se configura como um problema de pesquisa, contudo, acredito ser pertinente contar um pouco de como cheguei até aqui, ou seja, a partir de que contingências a questão da militância emerge como possibilidade a ser explorada no percurso do mestrado. Bem como, mostrar alguns caminhos percorridos para, diante desta questão, não procurar respostas e, sim, dar sentido para as inquietações produzidas no pensamento desta que, para além de militante, se pretende também, pesquisadora da própria militância.

A questão da militância, além de me perturbar a algum tempo, produz também problematizações que se entrelaçam com questões pessoais e existenciais: o que me afetou para começar esta pesquisa? O que me faz militante além do fato de vir de uma família “de esquerda” e de permanecer posicionada “à esquerda”? Que práticas militantes são possíveis se serem inventadas distantes da “filiação” a algum movimento social ou partido político? Ou ainda, em que momento se deixa de ser militante?

Estas questões povoam meus pensamentos, e na tentativa de acomodá-las, ao menos um pouco, parece interessante pensar nas coincidências que vão marcando meu trajeto, a começar pelo ano em que nasci – 1984, ano que marca também o nascimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – o MST, Movimento Social de extrema relevância em minha vida enquanto militante e também no âmbito familiar.

Foi no interior do Rio Grande do Sul, na região Norte, que se iniciou a organização de colonos sem terra, culminando na ocupação de um dos maiores latifúndios do Rio Grande do Sul – A fazenda Annoni. Naquela época morávamos (eu e minha família) próximos daquele cenário, numa cidade muito pequena, chamada Miraguaí, aproximadamente 150 quilômetros de distância do local onde denomina-se “o berço do MST”. Meu pai e meus irmãos envolveram-se na fundação do MST, contribuindo na organização e mobilização dos colonos. Minha mãe atravessada pela condição de mulher que, naquela época e ainda hoje, permanecem nos bastidores, se ocupava em reunir as vizinhas (mulheres) e fazer mutirões para arrecadar doações de alimentos para as famílias sem terra. Meu pai seguiu uma vida

pública e de representante dos Movimentos Sociais do Campo e minha mãe, por sua vez, seguiu ocupada com os afazeres domésticos e de cuidado dos filhos. Ao recordar esta trajetória me “pego a pensar” na distinção das posições assumidas pelos meus pais nestes movimentos, sendo que meu pai, na condição de representante do MST e de outros Movimentos Sociais, exerce “mais” uma militância do que minha mãe, que assume então os cuidados da casa e dos filhos para que ele pudesse “tranquilamente” ocupar esse lugar? Ao levantar este questionamento não pretendo atribuir um juízo de valor a questão da militância, mas, justamente problematizar a existência de tal juízo.

Voltemos às coincidências do ano de 1984, também marcado, desta vez, não pelo nascimento, mas pela morte de um dos principais autores que acompanha minhas inquietações, a saber, Michel Foucault, um dos autores mais importantes na minha trajetória profissional e de pesquisa. Foi justamente a partir do contato com a filosofia foucaultiana, já na graduação, que começo a questionar e estranhar o que até então acreditava ser a possibilidade de transformar a sociedade e o sonho de realizar uma revolução armada.

Lembro-me bem das aulas da disciplina de psicologia social, ministrada pela professora Ana Helena Amarante, no Centro Universitário Metodista, local de minha graduação, onde estudávamos o livro da professora Rosane Neves – “A invenção da psicologia social” (2005). Nele, presentes as discussões sobre sociedade disciplinar, o esquema panóptico, sociedade de controle, as relações de poder / saber, os regimes de verdade, processos de subjetivação, a própria dobra deleuzeana. Enfim, todos estes conceitos foram e continuam sendo norteadores dos estudos que venho realizando. Contudo, o contato com esta literatura me fez perceber que “o inimigo” não estava tão bem desenhado como eu imaginava. Como nos lembra Guattari (1985) o inimigo está em toda a parte. Ou ainda o próprio Michel Foucault¹ ao refletir sobre o inimigo maior o adversário estratégico [...]

[...] o fascismo, não apenas o fascismo histórico de Hitler e Mussolini que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas, mas também o fascismo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa mesma que nos domina e explora. (FOUCAULT, 1993, p. 199)

¹ Em “O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”, prefácio escrito pelo autor à edição estadunidense do livro de Gilles Deleuze & Félix Guattari: “O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia, lançado em 1977 neste país e originalmente em 1972 na França. Sem dúvida, este texto é fonte de inspiração para as investigações que este escrito pretende produzir e provocar. Contudo, aqui utilizaremos a referência publicada no Caderno de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Número Especial, 1993.

Foi então, a partir do contato com os autores da filosofia da diferença e estudando estes conceitos, que senti a necessidade de percorrer outros caminhos. Nos trajetos deste “novo” caminhar, não posso deixar de registrar um encontro muito especial: o encontro com uma “poetisa” que circula pela cidade “abrindo mundos”. O encontro com ela se deu através da arte e no fazer artístico.

Contagiada com essa possibilidade, encontrava-me no penúltimo ano da graduação quando iniciei um estágio extracurricular na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo - FASE, trabalhando com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio fechado. Abandonando com muito esforço uma atividade/trabalho/militância de quase dez anos na Secretaria Estadual do MST, novamente a questão da militância surge como se estivesse abandonado uma atividade militante em troca do trabalho com a psicologia. Hoje, pergunto-me se o tempo que passei pela FASE me fez menos militante do que quando estava na secretaria do MST? Não estaria, na FASE, praticando também uma forma de militância? Quando, no meu fazer profissional e de aprendizagem, questionava os modos como aqueles adolescentes eram tratados, as condições insalubres presentes naquele ambiente. Problematicando as relações de poder e as violações de direitos presentes ali, naquela instituição total. Isso não seria praticar alguma militância?

Ao me colocar essas questões penso que o mais interessante são as aberturas que elas provocam. Contudo, é preciso um esforço para realizar estas aberturas, diante de um tempo que nos solicita incessantemente respostas verdadeiras sobre nós e o mundo.

Seguindo então os caminhos percorridos, agora já estava formada e trabalhando no campo da assistência social há aproximadamente dois anos, numa comunidade extremamente vulnerável aqui de Porto Alegre. Seguia envolvida com as lutas políticas que estavam sendo travadas na cidade de Porto Alegre, participando de algumas atividades dentro do próprio MST, Levante Popular da Juventude, envolvida com as Mobilizações de Junho de 2013, tentando movimentar algumas reflexões no campo da assistência social e nos espaços por onde circulava.

Foi então, no congresso nacional do MST de 2014 (que acontece a cada cinco anos) que fui surpreendida ao ganhar um crachá de “convidada”. Naquele momento fui tomada por um desconforto extremo. Não imaginava que um crachá pudesse fazer tanto sentido, menos ainda, que seria disparador de problemas para pesquisa. Assim, como “convidada”, surge o desejo de aprofundar e estudar com maior dedicação o tema da militância.

A pergunta segue reverberando em minha cabeça: o que me faz militante? O que faz de uma pessoa, um ou uma militante? Uma possível resposta seria um desejo profundo de produzir deslocamentos subjetivos diante de qualquer forma, método, norma que tenda a homogeneizar nossos modos de ser e estar no mundo. Belchior (1991), na música “Como o Diabo Gosta” traduz muito bem esse sentimento, quando canta... “É nunca fazer nada que o mestre mandar, sempre desobedecer, nunca reverenciar [...] E a única forma que pode ser norma, é nenhuma regra ter!”.

Assim, trata-se de assumir uma posição exploratória, não sabendo ao certo o que será encontrado ao longo do percurso da pesquisa sobre militâncias. Porém, acho importante compartilhar alguns achados interessantes destes percursos, os quais vão dando pistas de por onde essa caminhante vai traçando seu caminhar.

Adentramos, por fim, no cenário onde também pretendo “examinar” as práticas militantes mais de perto: a Ocupação Estudantil do Instituto de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aqui também encontramos coincidências interessantes, ao manusear o “Diário Coletivo” produzido pelos participantes da ocupação, encontro um pequeno pedaço de papel azul. Este pequeno papel registra reflexões produzidas por Samuel Eggers, aluno deste mesmo Instituto, brutalmente assassinado no dia 13 de setembro do ano de 2013. A grande mídia tentou amenizar o crime, dizendo se tratar de um crime de latrocínio (roubo seguido de morte), porém muitos indícios nos levam a crer que Samuel foi brutalmente assassinado pelas forças repressivas e conservadoras presentes em nossa sociedade. Eis que nesse pequeno pedaço de papel, está registrado reflexão que Samuel teria escrito há exatos seis anos antes do primeiro dia em que se iniciou a Ocupação do Instituto.

No dia 31 de outubro de 2010 Samuel escreve: *“cada vez mais, eu e meus amigos temos transcendido a esfera individualista da matéria e evoluído para níveis mais épicos e coletivos, não apenas em palavras e sonhos, mas em atos concretos, como tudo que é realmente épico deve ser. Construimos uma oca, no outrora desocupado pátio do Instituto de Psicologia, fomos para o meio do mato coletar material de construção, ocupamos reitorias, semeamos sementes e muitas outras coisas dignas de respeito. Porém, o que realmente importa é que estamos construindo um mundo melhor, e que, não importa o que acontecerá com nossos feitos depois que partirmos, nós lutamos como homens e mulheres dignos e*

dignas de respeito e admiração. Isto é ser épico. Isto é a vida que vale a pena ser vivida”². Samuel Egger– 31 de outubro de 2010.

Ainda não encontro palavras para descrever ou compreender os sentidos destes escritos, mas posso dizer que me sinto afetada por estas palavras e me considero aliada a este pensamento, por entender que ele traduz um viver ético. A vida que vale a pena ser vivida.

Também achei importante trazer algumas fotos da ocupação, programações que integraram aqueles dias, algumas imagens do que encontramos registrado nas paredes do Instituto de Psicologia e que lá permanecem até hoje. Nas imagens encontramos arte. Neste estudo, encontramos militância também na arte e arte, na militância. Pensando a militância enquanto *devenir* – acontecimento, defendendo a ideia de uma vida militante, que nos coloque sempre em movimento. (DELEUZE e GUATTARI, 1995) Inventando uma militância que se faz na vida e que faz da própria vida, uma ferramenta de combate.

Penso que é na potência da vida que está a possibilidade de invenção, poesias, músicas, danças, imagens, teatro, enfim, Arte! A arte como estratégia para experimentar essa “abertura de mundos” que a poeta nos provoca, um *devenir* militante que só é possível na criação, na possibilidade de experimentar modos mais inventivos de viver. O mundo está aí para ser inventado e nós estamos no mundo para inventamo-nos. Porque tudo aqui pode ser invenção!

² Publicado em seu blog: <http://espadachimcego.blogspot.com.br/2010/10/o-rootz-e-o-epico.htm>
Acessado em: 26 de março de 2018.

2 SUPORTE TEÓRICO-CONCEITUAIS

2.1 Questões teóricas ou aporte para fazer o pensamento pensar

A pesquisa não deixa de ser um grande quebra-cabeça, por que indica um movimento que procura por elementos para sua composição. Por isso, junto de alguns autores, vou trazendo para a cena elementos para montagem deste quebra-cabeça. Aliada a uma forma de conceber a pesquisa, onde, nós, pesquisadores, vamos juntando peças, conceitos, autores que nos interessam para contarmos uma história, produzirmos uma narrativa.

Para colocar em análise a questão da militância, é preciso compreender o contexto de seu surgimento, de que lugar estamos falando. Por isto, iniciaremos apresentando algumas concepções sobre Movimentos Sociais e qual é a posição deste estudo, para, então, apresentarmos um breve histórico sobre estes Movimentos Sociais, sobretudo no contexto brasileiro, e resgatando alguns marcadores históricos sobre o assunto, entendendo como o conceito de militância vai adentrando neste enredo. Por fim, discutiremos o que chamamos de uma “militância menor” e seus laços com a experiência na Ocupação Estudantil do Instituto de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Vários são os autores que tomam o universo dos Movimentos Sociais como campo de pesquisa. E várias são as formas de abordar estes movimentos, ao realizarmos um levantamento sobre essa temática encontramos a definição defendida por Gohn (2011) que compreende os Movimentos Sociais enquanto:

Ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural, que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.). (GOHN, 2011, p. 13)

Esta definição de Movimentos Sociais implica a defesa de uma “causa” relacionada a temas de interesse da população, tais como, melhorar a vida das pessoas que historicamente vivem em condições de vulnerabilidade social e econômica, considerando também os marcadores de cor, sexo, cultura, ou ainda orientações sexuais, que colocariam as pessoas numa posição inferior em relação às categorias hegemônicas. Para Lucas (2006), além da defesa de direitos e de “causas” comuns, a análise dos Movimentos Sociais necessita também,

incluir as noções de subjetividade e identidade, de modo a compreender as reivindicações dos Movimentos Sociais neste século, que enfatizam o caráter participativo nas decisões coletivas e a radicalização da democracia. Para o autor, citando Jeffrey Alexander:

Na mesma direção que Jeffrey Alexander, enfatizo que o paradigma dos novos movimentos sociais decorre da necessidade de se fazer uma correção histórica e teórica no modelo clássico “para incluir os significados culturais, as identidades psicológicas e uma teorização dos fatores institucionais. (LUCAS, 2006, p.56)

É significativo destacar a importância das mobilizações populares protagonizadas por inúmeros Movimentos Sociais no contexto brasileiro e, por conseguinte, as práticas militantes. Observamos os avanços que nossa sociedade conquistou e que foram frutos do esforço e do engajamento dos Movimentos Sociais em reivindicar direitos, provocando movimentos que pudessem modificar, em alguma medida, a lógica econômica. A qual esteve, e ainda está, sob o comando das elites e da burguesia brasileira. São pertinentes as contribuições de Coimbra & Leitão (2007), referindo-se a questão da pobreza e suas contingências, reafirmando quão fundamentais são as mobilizações populares protagonizadas pelos diversos Movimentos Sociais no contexto contemporâneo.

A pobreza, ao longo dos dois últimos séculos, vem sendo associada ao perigo, à desordem, à violência, à criminalidade. Continuam sendo produzidos os “novos inimigos do regime”: os segmentos mais pauperizados, todos aqueles que os “mantenedores da ordem” consideram suspeitos e que devem, portanto, ser evitados e mesmo, eliminados. Para esses “enfermos” - vistos como perigosos e ameaçadores – são produzidas identidades cujas formas de sentir, viver e agir se tornam homogêneas e desqualificadas. São crianças e adolescentes já na marginalidade ou que poderão – porque pobres – ser atraídos para tal condição e que devem ser exterminados. A modernidade exige cidades limpas, assépticas, onde a miséria – já que não pode mais ser escondida e/ou administrada – deve ser eliminada. Eliminação não pela sua superação, mas pelo extermínio daqueles que a expõem, incomodando os “olhos, ouvidos e narizes” das classes mais abastadas. (COIMBRA & LEITÃO, 2007, p. 171)

Segundo Souza (1999), “o militante pode ser definido como aquele que defende ativamente uma causa e entra em combate para ver vitoriosas as idéias do grupo a que pertence” (SOUZA, 1999, p. 132).

Outros pesquisadores sobre o tema, como Naujorks e Silva (2016), referem-se a uma identidade militante, que designa, tanto um fenômeno coletivo, na medida em que está relacionada a processos coletivos de pertencimento e de possibilidades de ações coletivas, como também, um fenômeno individual, pois pressupõe um autorreconhecimento. Segundo

os autores, “o autorreconhecimento identitário militante é constituído pelas correspondências produzidas entre as três dimensões da identidade individual: a identidade coletiva, a identidade social e a identidade pessoal” (NAUJORK e SILVA, 2016, p. 148).

Outro termo que também se encontra na literatura é o de “engajamento militante”, discutido pelos autores Silva e Ruskowski (2016), o que para eles o “engajamento militante seria uma forma de expressão da participação ou do ativismo sociopolítico” (SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 192). A partir da experiência em participar continuamente de alguma organização política e/ou social.

Para explicar o processo de engajamento os autores identificam quatro perspectivas, as quais não são excludentes, encontrando-se em maior ou menor grau, (são elas): disposicional, identitária, relacional e retributiva.

A perspectiva disposicional corresponde a determinadas características que durante a trajetória de vida gerariam uma predisposição ao engajamento. Os autores identificam que “essa perspectiva sustenta que a ação militante, como qualquer outra forma de ação, não é algo natural, mas antes um arbitrário cultural que demanda condições e disposições específicas desigualmente distribuídas na sociedade” (SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 195).

A segunda perspectiva centraliza-se no processo identitário que, segundo os autores, “fundamentaria o engajamento, porém, isso depende do envolvimento de cada um nas interações, no sentido de produzir uma congruência entre identidade pessoal e identidade coletiva que sustentaria e daria sentido ao agir comum” (SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 198).

Já na perspectiva relacional, são observadas pelos autores duas abordagens, a primeira delas é a interacionista que se refere a importância das interações cotidianas e as negociações de sentido envolvidas na atuação dos indivíduos. A segunda abordagem da perspectiva relacional refere-se ao papel das redes sociais nos processos de engajamento. (SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 202-203)

Por último temos a perspectiva retributiva, que está relacionada a preocupação com as retribuições, podendo estas ser materiais ou simbólicas. Contudo, “destaca-se que as retribuições (o que as constituem? Qual seu valor?) são definidas por características específicas constituídas ao longo das trajetórias dos indivíduos e pelos campos relacionais no qual estes encontram-se inserido” (SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 209).

Entretanto, estes referenciais não serão o foco principal deste estudo, mas sim, elementos de uma revisão de literatura sobre os fatores que podem levar ao engajamento dos sujeitos nos Movimentos Sociais.

Importante destacar a influência da igreja no que se refere a própria etimologia do termo militante. Segundo Souza (1999), o mesmo deriva do latim *militare*, e foi inicialmente empregado na linguagem teológica a partir da idade média. Naquele momento, tal adjetivo qualificou a igreja, pois reportava à ideia de sujeito que defende ativamente uma causa, um ser combatente aos inimigos. Deste modo, podendo ser definido como um sujeito que defende ativamente uma causa e luta pela conquista da salvação, essa salvação exige a entrega total da pessoa à longa caminhada que submete e dá sentido a todas as demais esferas da vida.

Contudo, no século XVII, o termo militante passa a ser utilizado para definir soldados de milícia que lutam para alcançar o objetivo final. Neste caso pode-se dizer que o exército se utilizou da prática militante religiosa e transformou-a no sentido moderno do termo “militar”, ou seja, treinado para ser um soldado combatente e disciplinado e, ao mesmo tempo, ter um comportamento de obediência e respeito à hierarquia. Conforme Souza (1999) vale considerar que o termo “militar” também designa atividade intelectual de planejamento sobre quais seriam as estratégias adequadas para atingir o inimigo e assim obter vitórias na luta.

Somente por volta do século XIX que o termo “militante” passa a ser utilizado para nomear aquele que “milita” numa organização sindical ou partidária, aquele que assume tarefas políticas, as quais são necessárias para a conquista do Estado e para a transformação da sociedade. (SOUZA, 1999, p. 132-133).

Neste mesmo período, no século XIX, identificam-se os primeiros movimentos considerados como Movimentos Sociais no Brasil. Contudo, na primeira metade do século, os levantes que ocorreram “constituíam motins caóticos, sem uma plataforma político-ideológica bem delineada” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1139). A segunda metade do século foi absorvida pelo movimento abolicionista e, cabe ressaltar, a questão da escravidão segue sendo denunciada pelos movimentos negros contemporâneos. Foi a partir do século XX, que os Movimentos Sociais da época concentram-se “em torno de lutas de classes sociais específicas e serão organizados a partir de paradigmas teóricos e político-ideológicos claramente definidos em torno de lutas específicas” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1139). Para Soares do Bem (2006), as duas primeiras décadas foram marcadas por enorme efervescência política, tendo como um dos fatos mais marcantes, a Greve Geral de 1917. Esta mobilização foi considerada uma das mais importantes manifestações públicas da Primeira República. Outro

fato importante, salientado pelo autor, foi a Revolução dos Tenentes, “iniciada com o Levante do Forte de Copacabana estendendo-se para outras regiões do país dando origem a Coluna Prestes”. (SOARES DO BEM, 2006, p. 1145).

A década de 1930 foi marcada por um novo momento histórico, diante dos acontecimentos políticos que marcam esse período. O desfecho ditatorial implantado em 1937 com a instalação do Estado Novo, foi legitimado com a criação de uma nova Constituição, que retirou direitos que já haviam sido conquistados, entre eles, o direito do voto às mulheres e aos maiores de 18 anos. Para Soares do Bem (2006, p. 1146) “A Constituição de 1937, além de liquidar a autonomia sindical e partidária, criou a figura dos interventores, que foram nomeados por Vargas para governarem os estados”.

O Estado Novo inaugura um dos períodos mais autoritários do país. Importante destacar que, no “regime varguista”, a atuação política por parte dos trabalhadores foi marcada pela sua subordinação às formas de organização criadas e controladas pelo Estado. Foi um período fortemente marcado por estratégias de cooptação por parte do Estado para com as organizações sociais, especialmente os sindicatos. Conforme afirma Araújo (1994):

A estrutura sindical corporativista construída pelo Estado varguista a partir 1931, juntamente com a legislação trabalhista, são considerados peças chaves de uma estratégia de incorporação dos trabalhadores. Como parte de um processo de revolução passiva, esta estratégia constituiu, na conjuntura dos anos 30 e 40, o principal instrumento de obtenção do consentimento das classes subalternas, de ampliação da base social do Estado e, portanto, de recomposição dos aparelhos de hegemonia das classes dominantes. [...] O que significa dizer que o Estado varguista na medida em que busca a integração das massas trabalhadoras sob seu controle, incorpora interesses substantivos desta classe, ao garantir seus direitos e reconhecer o sindicato como interlocutor legítimo, aceitando sua presença mediatizada no próprio Estado. (ARAÚJO, 1994, p.14)

Também entra em cena neste período o “projeto liberal industrializante”, ou seja, com a expansão das elites rurais, a temática urbana passa a ser alvo das políticas públicas. Observa-se também, o movimento migratório de segmentos populacionais do campo para cidade.

O período entre 1945 a 1964 foi marcado pelo processo de redemocratização, possibilitando o desenvolvimento de várias formas de participação social, principalmente nos espaços urbanos que sentiram os reflexos das migrações internas em decorrência da industrialização e urbanização. O ano de 1946 foi marcado pela nova Constituição, que segundo Soares do Bem (2006) “ficou conhecida como uma das mais liberais do país, reestabeleceu a independência dos poderes e a autonomia dos estados, o direito à greve e

regulamentou a organização sindical, apesar de tê-la mantido atrelada ao Estado” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1148).

Foi no decorrer das décadas de 1960 e 1970, durante o período de Ditadura Militar que vimos o surgimento de movimentos de resistência aos “anos de chumbo”. Os que se opuseram ao regime foram considerados e tratados como criminosos, justificando-se práticas de prisões ilegais, torturas, mortes e desaparecimentos de corpos. Estas práticas corresponderam à punição que serviria de exemplos aos espectadores, produzindo temor e medo, inibindo a iniciativa de pessoas que por ventura estivessem insatisfeitas com o atual contexto político em que vivia o país. Neste período houve algumas mudanças na forma de condução das lutas, como também, algumas divisões entre os movimentos de esquerda, onde alguns se mantiveram no trabalho de mobilização social, tanto urbana quanto rural, sendo que outros tiveram que funcionar na clandestinidade. Essa repressão também correspondeu à produção de uma outra narrativa da história, a qual tenta ocultar as práticas, os pensamentos, os movimentos, e a potência de grupos comprometidos com a possibilidade de transformação social.

Motivado pela reforma universitária de 1968, bem como, pelo Ato Institucional (AI-5), de 1969, o movimento estudantil assumiu um papel importante e tomou a frente no combate contra a Ditadura Militar, assim como afirmou-se o papel da igreja católica nas frentes de mobilização. Segundo Soares do Bem (2006), neste mesmo período “segmentos da Igreja Católica, principalmente após o Congresso de Medellín, realizado em 1968 na Colômbia, retificaram o papel do evangelho na luta contra as injustiças sociais, dando origem à Teologia da Libertação” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1150).

O início da década de 1970 foi marcado pelo ressurgimento dos Movimentos Sociais na cena política brasileira, ainda que de maneira fragmentária, contudo, esse período ficou conhecido como a “era da participação”. Com a crise que se instalou após 1973, o aumento expressivo do índice de desemprego, a retomada da inflação, entre outros motivos, impulsionou para que uma frente popular mobiliza-se em torno do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). (SOARES DO BEM, 2006, p. 1151).

Eder Sader (1995) em sua obra “Quando novos personagens entram em cena”, reflete sobre as movimentações que marcam a vida política do país, especialmente em São Paulo neste período:

Parti do que me pareciam como algumas evidências: as votações recolhidas pelo Movimento Democrático Brasileiro nas eleições a partir de 1974, a extensão e as características de movimentos populares nos bairros de periferia da Grande São Paulo, a formação do chamado “Movimento do Custo de Vida”, o crescimento de

correntes sindicais contestadoras da estrutura ministerial tutelar, o aparecimento das comunidades de base, as greves de 1978, a formação do Partido dos Trabalhadores seriam manifestações de um comportamento coletivo de contestação da ordem social vigente. (SADER, 1995, p. 30)

Pode-se dizer que a década de 1980 foi uma das mais significativas no sentido da ampliação dos Movimentos Sociais, não apenas porque marca o fim do regime ditatorial, mas por abranger várias temáticas como, os direitos das mulheres, das crianças, dos negros, dos índios, etc. (SOARES DO BEM, 2006, p. 1151). É importante registrar que esse processo foi fruto de muitas batalhas e muitas vidas foram perdidas para que se conseguisse alcançar a esperada “democracia”.

É no início da década de 80 que os diferentes Movimentos Sociais e populares se reorganizam e se fortalecem, tendo como pano de fundo uma forte influência da Igreja Católica com base na “Teologia da Libertação” e vínculo às Comunidades de Base. Neste período surgem movimentos como o MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, CUT - Central Única dos Trabalhadores e o próprio PT - Partido dos Trabalhadores.

Contudo, cabe reconhecer que tivemos um novo arranjo no que se refere aos movimentos de reivindicação com a vitória do Partido dos Trabalhadores - PT nas eleições de 2002, houve nesse momento uma migração importante de algumas lideranças sociais para instâncias do governo, o que modificou, de certa forma, o cenário. Fazendo uma observação rápida, com a eleição da chapa de Lula, os Movimentos Sociais (a partir de suas lideranças) estavam fazendo parte do que, até então era seu principal alvo – o Estado. A vitória eleitoral de um partido “de esquerda”, de certa forma, provocou um descenso das mobilizações populares. Em primeiro lugar, pelo motivo que mencionamos acima, a migração de lideranças para instâncias do governo. Em segundo lugar, por adotar e instalar políticas e programas sociais correspondentes às demandas apresentadas por estes movimentos, como: Bolsa Família, PROUNI, Minha Casa Minha Vida, Luz para Todos, Pronatec, etc. Com isso abriu-se um espaço maior de diálogo entre os Movimentos Sociais e o Estado.

As reflexões realizadas por Paula Marcelino (2017) ao analisar as greves ocorridas entre 2003 e 2013 e o movimento sindical neste período aponta que, em alguma medida, se viu um processo de institucionalização dos Movimentos Sociais via Estado, durante os governos petistas. Para a autora, as lutas sindicais neste período estavam presentes, mas subordinadas “a tese da existência de uma frente política neodesenvolvimentista que sustentou os governos de Lula e de Dilma (essa no primeiro mandato), na qual o sindicalismo era força subordinada, mas presente” (MARCELINO, 2017, p. 218). Citamos aqui alguns dos argumentos levantados pela autora para respaldar essa tese:

(1) foram greves mais ofensivas e vitoriosas nas suas reivindicações, que se beneficiaram de uma conjuntura econômica mais favorável tendo em vista a queda da taxa de desemprego e da expansão do salário mínimo; (2) essas greves também foram vitoriosas porque, ao contrário do percebido durante os governos de Itamar, Collor e FHC, nos governos de Lula e Dilma, o sindicalismo era um interlocutor legítimo; além de ele estar presente na cena política como interlocutor, a repressão sobre ele foi muito menor que em períodos anteriores; (3) houve associação entre centrais sindicais e setores patronais em torno de políticas de desenvolvimento (queda na taxa de juros, especialmente); (4) não houve, nesse período, greves gerais contra a política econômica e social do governo [...] (MARCELINO, 2017, p. 218-219)

Por fim, é importante também registrar, apesar de brevemente, os acontecimentos que sacudiram as principais metrópoles do Brasil no início deste século, a saber, a Jornada de Mobilizações de Junho de 2013, que provocaram várias e distintas análises, bem como definições sobre o grande movimento de mobilizações naquele período.

Peter Pál Pelbart, numa palestra que foi transcrita em um site de notícias³ também se manifestou sobre o ocorrido, porém, ao invés de corresponder ao que muitos estavam querendo saber, ou seja, forjar uma resposta ou uma explicação para tudo aquilo, estava mais interessado em levantar questionamentos. No texto ele diz: “A melhor maneira de matar um acontecimento que provocou inflexão na sensibilidade coletiva é inseri-lo no cálculo das causas e efeitos”. Suas análises são pertinentes, pois enaltecem a singularidade daquele acontecimento, quando refere:

[...] talvez estivesse (re)nascendo uma outra subjetividade política e coletiva para a qual carecemos de categorias. Mais insurreta, de movimento mais do que de partido, de fluxo mais do que de disciplina, de impulso mais do que de finalidades, com um poder de convocação incomum, sem que isso garanta nada, muito menos que ela se torne o novo sujeito da história⁴.

A partir da complexidade deste processo, não cabe aqui inferir verdades, tampouco definições que poderiam ter um efeito reducionista. Porém, reconhecemos que os movimentos de junho de 2013 diferem de outras grandes mobilizações, as quais marcam a história brasileira, como por exemplo, a grande mobilização popular em torno das Diretas Já nos anos 1983-1984. Ou ainda, o movimento dos “caras-pintadas” datado de 1992, nome como ficou conhecido o movimento estudantil em torno do impeachment do primeiro Presidente da República, eleito pelo voto direto, após o Regime Militar. Fernando Collor de Mello, acusado

³ Pelbart, P. “Anota aí: Eu sou ninguém”. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed756/anota_ai_eu_sou_ninguem/. Acessado em: 07 de maio de 2018)

⁴ Pelbart, P. “Anota aí: Eu sou ninguém”. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed756/anota_ai_eu_sou_ninguem/. Acessado em: 07 de maio de 2018)

de corrupção, foi afastado do cargo em 29 de setembro de 1992 e teve seus direitos políticos cassados por oito anos.

Contudo, as mobilizações de 2013 divergiram das citadas acima, pelo caráter não unificado em torno das pautas apresentadas pela multidão que tomou as ruas naquele período. Apesar de inicialmente as mobilizações serem motivadas pelo aumento do preço das tarifas do transporte público, logo se viu proliferar outras tantas reivindicações, que motivavam aquela multidão tomar as ruas. Entre elas estavam o acesso a direitos sociais, serviços públicos de qualidade, liberdade de tomar decisões sobre o próprio corpo (legalização do aborto, por exemplo), direito às liberdades individuais, direitos sexuais e reprodutivos, descriminalização das drogas, contra o monopólio da mídia brasileira. Além de questionar o modelo de transporte público, estas e outras pautas foram se incorporando ao longo das mobilizações, que também questionavam os bilionários investimentos públicos destinados a construção de estádios elitizados e na produção dos megaeventos previstos para o ano seguinte, com o advento da Copa do Mundo - FIFA. Além de remoções de famílias que viviam no entorno dos estádios e nas avenidas que dariam acesso aos mesmos, adotou-se ações de cunho higienistas para abrigar estes megaeventos. A multidão que foi às ruas em 2013, também pautava a desmilitarização da polícia, a qual foi sentida na pele, principalmente por quem fazia a linha de frente dos atos, pois as ações adotadas foram fortemente vivenciadas através da repressão perpetrada pelas forças policiais.

Não podemos deixar de registrar as tecnologias de controle adotadas pelo Governo Federal com a advento da Copa do Mundo, entre elas a criação da Secretaria Especial de Segurança para Grandes Eventos (SESGE) que foi a principal medida adotada pelo Governo Federal na área da segurança pública para o evento. Após as Jornadas de Junho, a fim de coibir as manifestações durante a Copa, o Governo Federal “endureceu as leis”. Em Setembro de 2013, foi sancionada a Lei de Organização Criminosa (Lei nº 12.850/2013) que autoriza o Estado a interceptar ligações telefônicas, ter acesso sem autorização judicial a dados de empresas telefônicas, instituições financeiras, provedores de internet e administradoras de cartão de crédito, além de prever que policiais possam se infiltrar em atividades de investigação. Em outubro do mesmo ano, em São Paulo⁵, um casal foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional (LSN - Lei nº 7.170/1983) após ser acusado de danificar um carro da polícia civil. A Lei de Segurança Nacional é um código de exceção aprovado no contexto da

⁵ Casal preso em protesto em SP é enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/casal-presos-em-protesto-em-sp-enquadrado-na-lei-de-seguranca-nacional-10290793> Acessado em: 27 de abril de 2018.

Ditadura Militar de 1964 e prevê os crimes contra a integridade territorial e a soberania nacional, o regime representativo e democrático, a Federação e o Estado de Direito e a pessoa dos chefes dos Poderes da União. A última vez que essa lei foi evocada aconteceu contra militantes do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Estado do Rio Grande do Sul por iniciativa do Ministério Público Federal em março de 2008⁶. Sem falar na Lei Antiterrorismo 13.260/2016 que passou a tramitar no congresso ainda em 2013, porém, acabou sendo sancionada somente em março de 2016, a qual tipifica atos de terrorismo no território brasileiro, tendo consequências importantes para os Movimentos Sociais e dando margem para criminalização dos mesmos. Essas e outras tecnologias de controle são incorporadas no bojo das ações adotadas pelo Governo para sediar os grandes eventos internacionais. Destaca-se, que estas novas tecnologias vêm travestidas com cara de segurança e ficam no país como patrimônio deixado pela Copa do Mundo.

Voltando as mobilizações de 2013, também importante registrar a polarização das pautas que tomaram as avenidas em determinado momento daquele período. Num determinado momento tínhamos no mesmo “ato político”, pessoas manchando praticamente lado a lado, com pautas extremamente diversas: de um lado se via uma pessoa carregando um cartaz contra a criminalização das drogas e do outro, uma outra pessoa a favor da diminuição da maioria penal. Essa polarização que assistimos acontecer teve forte influência da grande mídia, ao manipular e distorcer as informações em favor dos objetivos da elite brasileira. A importância do papel da mídia nos desdobramentos dessas mobilizações é um tema fundamental, mas não aprofundaremos neste estudo, por abrir uma discussão complexa que não é o foco do mesmo. Porém, não poderíamos deixar de registrar a apropriação da direita frente às mobilizações de junho de 2013, os gritos de “sem partido” e “contra a corrupção” deu-se início a arquitetura do Golpe que afastou do cargo a primeira Presidenta da República Dilma Rousseff. Sofrendo processo de impeachment poucos anos depois, em 31 de agosto de 2016, por crime de responsabilidade fiscal. Muitos são os argumentos que dizem que este “motivo” não justificaria um processo de impeachment, por isso, reafirmamos que sim, o que vimos acontecer em 31 de agosto de 2016 foi um “golpe” parlamentar orquestrado pela direita e seus representantes. Parece que alguns gritos de junho de 2013 tomaram força, e, o que vemos e vivemos hoje é resultado do que se iniciou naquele momento, ou seja, o avanço desenfreado do conservadorismo, do fascismo e de discursos de ódio cada vez mais presente na vida dos (as) brasileiros e brasileiras.

⁶ Informações disponíveis em: <http://www.global.org.br/blog/617/>. Acessado em: 27 de abril de 2018.

Novamente reafirmamos que esse não é o foco de nosso estudo, porém, não poderíamos deixar de registrar estes pontos de vista, pois, acreditamos que contribuem de alguma maneira para a temática da pesquisa sobre militância.

Outro dado importante a destacar foi o caráter “autônomo” diante da participação da maioria daquelas pessoas. Ou seja, as mobilizações de 2013 reuniram diversos Movimentos Sociais e pessoas filiadas a partidos políticos, porém, a grande maioria das pessoas que ali estavam, experimentaram o ato de reivindicar pela primeira vez e estavam lá independentes de uma vinculação a Movimentos Sociais. Isto faz pensar sobre o surgimento de novos atores no contexto das mobilizações sociais, sem necessariamente estarem “filiados” a Movimentos Sociais ou partidos políticos.

A partir desta breve análise sobre alguns marcadores históricos dos Movimentos Sociais brasileiros, dedicaremos as páginas seguintes às reflexões acerca dos processos de subjetivação e suas micropolíticas presentes nas diferentes formas de militâncias. Acompanhadas de alguns autores e conceitos, vamos costurando o que, para nós, é o foco deste estudo, a saber, a cartografia da militância menor, aquela que se produz nos cotidianos dos Movimentos Sociais e que pode criar diferentes arranjos entre linhas de forças e diferentes formas de militância, conforme veremos a seguir.

Inicialmente, indagamo-nos a respeito da trama de obrigações e proibições que atravessam as subjetividades nesse âmbito e ponderamos que há que se realizar um trabalho crítico sobre si mesmo de modo a que se possa combater as estratégias de captura também possíveis de serem aí operadas. Isto porque, no atual modo de produção capitalística, conforme Guattari e Rolnik, (2008), cria-se a falsa noção de sujeito autônomo, dotado de livre arbítrio. A este modo de pensar e de estar no mundo, tudo será responsabilidade e atributo do sujeito.

Os autores chamam a atenção, deste modo, para o cuidado necessário com relação às práticas militantes, sugerindo que: “a ação militante também está exposta a riscos de modelização” (GUATTARI e ROLNIK, 2008, p. 152). Considerando essa afirmação, podemos pensar que as práticas militantes e os processos de subjetivação estão, ambos, sujeitos à modelização no âmbito das micropolíticas, forjados em uma fabricação requintada e sutil de modos de ser e estar no mundo, as quais, de forma quase que imperceptível, porém visceral, fabricam subjetividades em práticas militantes.

Deleuze e Guattari (2004) alertam para a necessidade de percebermos as operações micropolíticas, por onde não há distinção entre produção desejanter e produção social, pois é

desta relação permanente que nossa existência é forjada, em conexão constante. Porém, estes mecanismos são muito bem elaborados e, como vírus, vão atrelando-se aos nossos modos de sentir, experimentar e viver.

Pensando sobre os modos de militância, Guattari colabora ao referir que “militar é agir - pouco importa as palavras, o que interessa são os atos” (GUATTARI, 1985, p. 12). Indicando que a questão da militância corresponde a uma prática, a certa atuação dentro de um determinado contexto social. Porém, também chama atenção, de forma contundente e até desaforada, para os perigos colocados aos “revolucionários” ou como os denomina mais adiante, “monomaníacos da direção revolucionária” (GUATTARI, 1985, p. 16).

Seja o que for, já está mais do que na hora de os revolucionários reexaminarem seus programas, pois há alguns que começam a caducar. Já está mais do que na hora de abandonar todo e qualquer triunfalismo - note-se o "falismo" - para se dar conta de que não só estamos na merda até o pescoço, mas que a merda penetra em cada um de nós mesmos, em cada uma de nossas "organizações. (GUATTARI, 1985, p. 15).

Para tanto, o autor sugere que façamos uma auto-reflexão sobre nossos modos de militar, chamando atenção também para o “falismo” que ronda tal prática, na mesma linha do que Foucault (1993) adverte: “Não se apaixone pelo poder” (FOUCAULT, 1993, p. 200). Como fazer para não desejar essa “coisa”, que tanto nos explora e nos domina? Seguindo as contribuições desses autores, percebemos que as militâncias também correm o risco de cair em contradições. Evidente que sim, pois tais práticas correspondem a ações desenvolvidas por sujeito, os quais estão inseridos num determinado contexto e, portanto, sofrendo os efeitos e reverberações do meio onde estão.

Seguimos pensando com Guattari (1985), que “sem dó, nem piedade” vai fundo em suas análises.

O que é chato é que estes monomaníacos da direção revolucionária conseguem, com a cumplicidade inconsciente da "base", enterrar o investimento militante em impasses particularistas. É *meu* grupo, é *minha* tendência, é *meu* jornal, a gente é quem tem razão, a gente tem a linha da gente, a gente se faz existir se contrapondo às outras linhas, a gente constitui para si uma pequena identidade coletiva encarnada em seu líder local... A gente não se enchia tanto em Maio de 68! (GUATTARI, 1985, p. 16)

Ele vai dizer ainda que o trabalho do revolucionário não é ser “porta-voz”, mandar dizer as coisas. Segundo Guattari, a voz se porta bem sozinha e numa velocidade incrível quando no meio das massas, mas ela precisa ser verdadeira. Seria esse o trabalho do revolucionário, “dizer a verdade, nem mais nem menos, sem tirar nem pôr, sem trapacear” (GUATTARI, 1985, p. 16).

Guattari (1985) se pergunta então, como reconhecer este trabalho da verdade? O que para ele é muito simples - “está havendo verdade revolucionária, quando as coisas não te encham o saco, quando você fica a fim de participar, quando você não tem medo, quando você recupera sua força, quando você se sente disposto a ir fundo, aconteça o que acontecer, correndo até o risco de morte” (GUATTARI, 1985, p. 16).

Sobre a ideia de trapaça, encontro em Deleuze e Parnet (1998) uma bela reflexão que serve para pensar a militância.

O Antigo Testamento não é uma epopéia nem uma tragédia, é o primeiro romance, é assim que os ingleses o compreenderam, como fundação do romance. O traidor é o personagem essencial do romance, o herói. Traidor do mundo das significações dominantes e da ordem estabelecida. É bem diferente do trapaceiro: o trapaceiro pretende se apropriar de propriedades fixas, ou conquistar um território, ou, até mesmo, instaurar uma nova ordem. O trapaceiro tem muito futuro, mas de modo algum um devir. O padre, o adivinho, é um trapaceiro, mas o experimentador, um traidor. O homem de Estado ou homem de corte, é um trapaceiro, mas o homem de guerra (não marechal ou general), um traidor. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 54-55)

Neste estudo, a noção de militância está relacionada à ideia do traidor proposta por Deleuze e Parnet: “traidor da ordem, do mundo das significações” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 54). Assim como, o que nos recomenda Foucault (1993) “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é cruel e abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas de representação) que possui uma força revolucionária” (FOUCAULT, 1993, p 200).

Sobre esse assunto também encontramos afinidades na obra já citada de Deleuze e Parnet (1998), quando os autores referem a força da questão de Espinoza sobre “o que pode um corpo? De que afetos ele é capaz?”. Reconhecem que “os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, diminuindo nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristes), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um circuito mais vasto ou superior (alegria)” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.74). Assim, relatam que Espinoza não se surpreende em ter um corpo, mas o que ele pode. “Os corpos não se definem pelo seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão como na ação” (*Ibidem*, p. 74). Seguindo suas reflexões, os autores relacionam os afetos tristes ao interesse dos poderes estabelecidos no mundo.

Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos

tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. Os poderes estabelecidos têm a necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. O tirano, o padre, os tomadores de alma, têm necessidade de nos persuadir a vida é dura e pesada. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 75)

Deste modo, como incorporar no campo das militâncias modos mais alegres e inventivos de praticá-la? Estas e tantas outras questões vão animar nosso percurso no sentido das “*militâncias menores*”, fazendo uma relação com o conceito de “*devenir*” de Deleuze e Guattari (1995). Seria possível pensar num *devenir* militante? Estas questões se aliam às inquietações provocadas por Foucault:

Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como desprender nosso discurso, nossos atos, nossos corações, e nossos prazeres do fascismo? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? (FOUCAULT, 1993, p. 199)

A obra “Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O Esgotado” (2010) reúne os dois últimos ensaios escritos por Deleuze sobre a arte do teatro. Nesta obra, nos interessa tomar emprestado de Deleuze a distinção entre maioria e minoria, “padrão majoritário” e “*devenir* minoritário”. Pensando com o autor a noção de maioria que para ele “não designa uma quantidade maior, mas, antes de tudo, o padrão em relação ao qual as outras quantidades, sejam elas quais forem, serão consideradas menores” (DELEUZE, 2010, p. 59). Por exemplo: negros, indígenas, crianças, mulheres, etc, estariam numa condição de minoria em relação ao padrão constituído pelo “Homem-branco-hétero-cristão-macho-adulto-morador das cidades”. Porém, as coisas se invertem ao pensarmos junto ao autor “se a maioria remete a um modelo de poder – histórico, estrutural ou os dois ao mesmo tempo, é preciso também dizer que *todo mundo* é minoritário, potencialmente minoritário, na medida em que se desvia desse modelo” (DELEUZE, 2010, p. 59).

Contudo, o autor chama atenção para duas formas distintas de pensar a noção de minoria, a primeira delas se refere a que vimos logo acima - “a situação de um grupo (mesmo sendo mais numeroso) que está subordinado em relação a um padrão de medida que estabelece a lei e fixa a maioria” (DELEUZE, 2010, p. 63). O segundo sentido, o qual nos interessa pensar de forma mais demorada, diz respeito a como os modos de militância podem aí se engajar. É a noção de minoria, não mais atrelada a um estado de fato, mas a um *devenir*.

[...] um *devenir* no qual a pessoa se engaja. *Devenir*-minoritário é um objetivo, e um objetivo que diz respeito a todo mundo, visto que todo mundo entra nesse objetivo e nesse *devenir*, já que cada um constrói sua variação em torno da unidade de medida

despótica e escapa, de um modo ou de outro, do sistema de poder que fazia dele uma parte da maioria [...] Um devir-minoritário universal. Minoria designa aqui a potência de um devir, enquanto maioria designa o poder ou a impotência de um estado, de uma situação. (DELEUZE, 2010, p. 63)

No entanto, pensando na possibilidade de exercitar uma militância menor, seria necessário deslocar o pensamento diante da norma estabelecida dos modelos já conhecidos de militância e fazê-la operar justamente no desvio. Minorar os modos de militâncias quando estes estão majoritariamente correspondendo ao “modelo” do que seria praticar uma militância. Podemos dizer então, pensando com Deleuze que tornar-se minoritário é desviar dos modelos.

O autor parece nos apresentar uma pista quando se refere a forma de pensar do dramaturgo Carmelo Bene:

CB diz que é besteira se interessar pelo começo ou pelo fim de qualquer coisa, pelos pontos de origem ou término... O interessante é o meio, o que se passa no meio. Não é por acaso que a maior velocidade está no meio. As pessoas sonham frequentemente em começar ou recomeçar do zero... Pensam em termos de futuro ou de passado, mas o passado e até mesmo o futuro, é *história*. O que conta, ao contrário, é o devir: devir-revolucionário, e não o futuro da revolução ou o passado da revolução [...] É no meio que há o devir, o movimento, a velocidade, o turbilhão. (DELEUZE, 2010, p. 34-35)

Neste estudo, assim, consideramos que os modos de militância os quais estamos nos referindo, não estariam em algum lugar onde devêssemos alcançar, ou chegar, mas um exercício sensível da própria experimentação do viver, que não está em lugar algum, senão aqui, agora, no meio, no movimento, na própria vida.

Outra ideia interessante que nos ajuda a pensar os processos de subjetivação, tomamos novamente emprestado de Deleuze e Parnet (1998) são os conceitos *linhas* – linhas molares de segmentaridade dura; linhas moleculares, mais flexíveis; e linhas de fuga, de ruptura, de declive. Segundo Deleuze, grupos e indivíduos são feitos de linhas, as quais são de natureza diversa. “A primeira espécie de linha que nos compõe é segmentária, de segmentaridade dura, a família, a escola, o trabalho” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.145). Conforme vamos transitando de um segmento a outro, vão nos dizendo como devemos nos comportar, ou, não nos comportar mais de determinada forma. “Pacotes de linhas segmentarizadas, que nos recortam em todos os sentidos” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 145)

Temos também, de acordo com o autor, uma segunda espécie de linha, “bem mais flexível e, de certa maneira moleculares [...] Elas traçam pequenas modificações, fazem desvio, delineiam quedas ou impulsos”. São nessas linhas que se passam “os devires, micro-

devires, que não tem o mesmo ritmo que nossa “história” [...] essas mudanças se passam em outra parte, uma outra política, outro tempo, outra individuação” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.145-146).

Existe ainda, uma terceira linha, a qual o autor vai dizer que é ainda mais estranha: “como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente”. Essa linha pode parecer simples, porém, é a mais complicada de todas, “é a linha de fuga e de maior declive”. Os autores referem que “as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras”. (DELEUZE e PARNET, 1998, p.146)

Para entendermos como estas linhas operam é interessante compreender suas composições. Ou seja, as linhas molares e de segmentaridade dura, compõe um “*plano de organização*”, os segmentos dependem das máquinas binárias, assim como implica também dispositivos de poder.

Máquinas binárias de classes sociais, e sexo, homem-mulher, de idade, criança-adulto, de raça, branco-negro, de setores, público-privado, de subjetivações, em nossa casa-fora de casa. Essas máquinas binárias são tanto mais complexas quanto se recortam, ou se chocam umas nas outras, afrontam-se, e cortam a nós mesmos em toda espécie de sentido. E elas não são antes sumariamente dualistas, são, antes, dicotômicas: podem operar, dicotomicamente (se você não é nem a nem b, então é c: o dualismo transportou-se, e já não concerne elementos simultâneos a serem escolhidos, e sim escolhas sucessivas; se você não é nem branco nem negro, você é mestiço, se você nem homem nem mulher, você é travesti, a cada vez a máquina dos elementos binários produzirá escolhas binários entre elementos que não entram no primeiro recorte). (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 149-150)

Por outro lado, nas linhas moleculares, mais flexíveis, o plano não é o mesmo, trata-se de “*plano de consistência ou de imanência*” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 152). Nele, os segmentos estariam “procedendo por limiares, constituindo devires, blocos de devir, marcando contínuos de intensidade, conjugação de fluxos” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.151). Neste caso, as máquinas binárias não apresentam mais poder, não porque os segmentos dominantes mudaram, “ao contrário: porque as linhas moleculares fazem correr, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização que já não pertencem nem a um nem a outro, mas constituem o devir assimétrico de ambos...” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 152). Neste sentido, a autor sugere, no caso dos binarismos homem x mulher, uma sexualidade molecular, “massas moleculares que já não tem o contorno de uma classe”. Esse terceiro não estaria nem de um lado nem de outro, e sim, atrapalhando a binaridade de ambos.

Não se trata de acrescentar sobre a linha um novo segmento aos segmentos precedentes (um terceiro sexo, uma terceira classe, uma terceira idade), mas de traçar outras linhas no meio da linha segmentária, no meio dos segmentos, e que as carrega conforme velocidades e lentidões variáveis em um movimento de fuga e de fluxo. (DELEUZE e PARNET, 1998, p.152)

Para o autor os agenciamentos são multiplicidades e eles podem comportar tanto “linhas de segmentaridade dura e binária, quanto linhas moleculares, linhas de borda, de fuga ou de declive” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 153).

Deleuze e Parnet (1998), nos apresentam estas três linhas, sendo “uma linha nômade, a outra migrante, a outra sedentária” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.159). Chamando atenção para a prudência com a qual devemos manejá-las. As preocupações que devemos tomar ao suspendê-las, amolecê-las, desviá-las, pois “testemunham um trabalho que não se faz apenas contra o Estado e os poderes, mas diretamente sobre si” (*Ibidem*, p. 160).

A questão do futuro da revolução é uma questão ruim, porque, enquanto for colocada, há pessoas que não se tornam revolucionárias, e porque é feita, precisamente, para impedir a questão do devir-revolucionário das pessoas, em todo nível, em cada lugar. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 170)

A partir destas contribuições interessa-nos pensar a relação entre estas linhas e as práticas militantes. Seria possível operar linhas na fuga no âmbito das militâncias? Provocar modos de militância mais nômades do que sedentários? Não temos respostas para estas questões, mas queremos junto delas provocar reflexões e, se possível, algumas aberturas nesta direção. Lembra da ideia de traição? Pois bem, aqui ela também está presente. “Sempre há traição em uma linha de fuga [...] Trai-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra”. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 53).

Podemos, então, identificar que, a partir da história dos Movimentos Sociais e de uma concepção de Movimentos Sociais, vamos explorar as militâncias menores, que podem se colocar como linhas de fuga e devires. Para tanto, abordaremos as militâncias no emaranhado de linhas e fluxos, em desenhos molares e moleculares nos movimentos experienciados como pesquisadora e militante, as militâncias menores que se abrem para devires desviantes, traidores, clandestinos que operam nas margens.

Ela desatinou, desatou nós... Rasgou crachás!

O início de uma viagem parece sempre difícil, por vezes quase paralisante. Viagem sem volta e sem ponto de chegada, o destino é incerto e movente. Porém, apesar dos amedrontamentos que isso pode provocar, percebo que justamente são os movimentos deste trajeto que vai tornar essa viagem possível de ser realizada.

Na bagagem levo os autores de minha preferência (Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, e seus interlocutores) os que antes mesmo de chegar até aqui, já me acompanhavam nas andanças por aí a fora. Numa espécie de cumplicidade com eles, vou tentando travar diálogos e apanhando alguns conceitos que contribuirão nas problematizações que pretendo levantar acerca da questão da militância. Narro algumas histórias, porém, que só viraram história porque tinham outros personagens envolvidos...

Durante longos anos estive inserida num determinado movimento social, desses movimentos mais antigos que tem as "instâncias" bem definidas, coordenação estadual, coordenação nacional, dirigentes, etc... Porém, depois de algum tempo, por diversas contingências da vida, decidi trilhar outros caminhos. Caminhos mais éticos? Não sei dizer. Hoje, percebo que a decisão foi ética, porém, extremamente difícil. No entanto, acredito que o percurso que cada um vai traçando é consequência das escolhas, e, portanto, das decisões que cada um toma.

Ao me "afastar" do movimento, deixaria de ser militante? Essa pergunta assombrou-me durante muito tempo. Primeiro, porque pensava quem eu seria, não sendo mais militante. O que sobraria de mim? Hoje, ao olhar para o acontecido, percebo como aquele contexto era produtor de subjetivações, ao ponto de chegar a me desconhecer por não estar mais inserida naquele determinado contexto. Em segundo lugar, ficava me perguntando,

o que as pessoas pensariam de mim, achariam que eu havia virado uma lúmpen? Mais do que isso, estava presa na vontade de querer controlar o pensamento das outras pessoas, na fantasia de que isso seria possível. Percebo então que estava mais preocupada com os outros do que comigo mesma. Quem nunca se perdeu de si, ficando preso num cuidado/controle excessivo sobre o que as outras pessoas estão pensando sobre nós?

Contudo, não se pode negar que necessitamos em alguma medida do olhar e da aprovação do outro e que tudo isso vai também compondo nossas subjetividades. É importante considerar que diante do tempo em que estamos vivendo, de proliferação das redes sociais, se evidencia um exagero frente esta necessidade. É difícil ver alguém contemplando uma paisagem, ou até mesmo dando um passeio sem que não esteja registrando imagens no seu smartphone, para em seguida publicar em alguma dessas redes sociais e aguardar quantos likes vai receber. Subjetivados capitalisticamente, compramos a sensação de publicidade produzida pelo mercado. Estamos cada vez mais presos no mundo das virtualidades ilusórias, que amortecem nossos corpos com doses diárias de informações desnecessárias.

Voltemos ao impasse... mesmo assim, vivendo esse turbilhão de coisas e atravessada por todas estas solicitações, reconheço que é tempo de parada, de introspecção, de encontro comigo e porque não dizer com muitas de mim. Muitas que moram aqui dentro e que por vezes dou pouca importância e até mesmo as silêncio. Em nome de que? De quem? Me interrogo. Porém, acontece uma coisa curiosa, toda vez que levanto uma questão é como se novas perspectivas se abrissem. Novas Elaines? Talvez! O convite que faço a mim mesma é ir ao encontro de todas elas, o caminho é incerto e de que vale as certezas não é mesmo, minha cara?

O caminho é incerto e cheio de nós, armadilhas e armaduras que muitas vezes nos cristalizam a modos já conhecidos e, por

óbvio, mais confortáveis. É muito comum e muito mais fácil acomodamo-nos. Pois trair-se requer um esforço, uma luta.

Desatinada, porém, certa da necessidade de tomar uma decisão enfrente o medo de ser rechaçada e escolho eticamente tomar as rédeas da minha vida. De mãos dadas com o incerto desato o grande primeiro nó.

Abandono as tarefas que realizava junto ao movimento, porém, não consigo me distanciar completamente, também não tinha essa vontade. Era interessante e eu desejava permanecer próxima, aquele universo fazia e sempre fez parte da minha vida. Eventualmente participava de algumas atividades, encontros, etc. Tudo parecia estar bem, no final das contas nem foi tão difícil assim me afastar das tarefas que rotineiramente estava envolvida.

Três anos após a saída, já havia concluído os estudos e estava trabalhando. Atuando como técnica social numa comunidade periférica da capital. Neste ano o movimento realizou seu "V Congresso Nacional". Para minha sorte a data do congresso coincidia com o período de férias, sem hesitar coloquei meu nome na lista do ônibus que sairia de Porto Alegre com destino a Brasília.

Chegando no congresso a primeira coisa a fazer é o credenciamento e lá estava a surpresa. Não sabia muito bem como reagir quando vi que minha "identificação" era de "convidada", não compunha mais a "delegação" de militantes daquele movimento (as identificações dos crachás eram ou de convidada (o) ou de delegada (o)). Mesmo que pudesse suspeitar e até mesmo esperar por essa situação, vivê-la foi extremamente sofrido. Percebi que havia desatado o nó, mas a corda ainda estava enrolada fazendo o formato do mesmo, era necessário esticar um pouco mais a corda, ir adiante, inventar outros caminhos, outras militâncias.

O tempo que fiquei em Brasília foi de muita reflexão (apesar de esconder o crachá por vergonha de que alguém

pudesse me questionar). Já bastava os questionamentos que estavam reverberando em todo meu corpo. Vivi intensamente aqueles dias, estava mais sensível, mais atenta, observava cuidadosamente aquele movimento todo.

Chegando de volta as reflexões continuavam, porém, com os sentimentos mais acomodados, passei a me perguntar, o que me faz militante? E ainda, que arranjos correspondem a esta prática?

É interessante pensar como um pequeno episódio pode mudar totalmente o curso das coisas. Aquele crachá provocou rupturas importantes na minha vida. Percebendo que precisava esticar um pouco mais a corda, procuro aliados para minhas interrogações, não no sentido de respondê-las, mas de encontrar parcerias para compreender essas inquietações.

Sigo viagem, na bagagem alguns livros, madrugadas, poemas e muitas músicas. Algumas eu dançava. Outro trago resolvo tomar, quase sempre no mesmo bar. Em minhas andanças, muitas vezes tonta, tropeço e me choco com outra que difere e muitas vezes fere, a si própria. O que não percebia é que isso só reforçaria a ideia torta que lugar de mulher é escondida atrás da porta. Eram as armadilhas que eu, mesmo ciente, caía! Seria ironia acreditar que livre delas se está. Mas não desisti. Convoquei toda a minha força e revolta. E decidi sair detrás da porta e escrever essa história.

O crachá, eu rasguei e depois queimei sobre a chama de uma vela amarela. A mesma vela que outrora acendi, pedindo luz e proteção sobre os caminhos que agora, sem crachá nem mesmo bandeira, quero narrar outras histórias. Porém, não mais como era. Pois a mesma mulher que inicia contando suas mazelas, se transformou, dizem que até remoçou, parece mais alegre e serena.

Um homem não me define, minha casa não me define, minha carne não me define. Que tod@s nós sejamos nossos próprios lares⁷!

2.2 Sobre como produzimos um texto: memórias, experiências e narrativas

*Escrever nada tem a ver com significar,
mas com agrimensar, cartografar,
mesmo que sejam regiões ainda por vir.
(Deleuze e Guattari, 1995, p. 19)*

Escrever... Imagina-se que se saiba o que se quer escrever, quando nos colocamos em processos de pesquisa. Em parte, sim, mas em tantas outras não. Tentando ser uma pouco mais clara, se sabe o que se quer, a questão é, como escrever? Neste caso, a pesquisa foi sendo construída a partir desse caminho cambaleante, que vai sendo narrado por certas “personas” que se apossam desse corpo metamorfoseante: ora pesquisadora, ora militante, ora misturada por estes modos. Quem lê encontrará redigido nestas páginas, fragmentos de um caminho atravessado por acontecimentos e, alguns deles foram escolhidos para compor o cenário e as paisagens por onde trafegamos com nossa questão.

E aquela pergunta sobre como escrever? Foi sendo diluída conforme íamos escrevendo, foi no processo de escrita, a partir dos elementos que a própria escritura nos convocava, que o texto foi produzido. Memórias acessadas, registros examinados, assim este texto também foi se tornando uma espécie de pesquisa documentada. Texto inspirado no fazer cartográfico, onde pesquisadora empresta seu corpo para compor-se com a pesquisa, fazendo dele instrumento e ferramenta para produção da mesma. São histórias vividas, sentidas e narradas a partir dessa trama confusa entre pesquisadora e pesquisada.

Entendemos que um estudo de inspiração cartográfica não se justifica unicamente por trazer à tona a experiência da pesquisadora. Não se trata de um empirismo ingênuo. A escolha

⁷ Inspirado na canção: Triste, Louca ou Má de Francisco, El Hombre.

pela cartografia inclui uma relação de afinidade entre o pensamento e experiência. Assim, conceber o pensamento como experiência é radicalmente diferente da necessidade de uma teoria que explique as práticas, ou de práticas que ilustrem a teoria.

O corpo da pesquisadora põe-se a caminhar atrás de “pistas” para suas inquietações. Busco na estante o livro “Pesquisar na diferença: um abecedário” (Orgs: FONSECA, NASCIMENTO E MARASCHIM, 2012). Ali encontro uma vasta lista de verbetes, porém, três me saltam aos olhos – “bricolagem, cartografar e escrever” Eles nos ajudaram pensar como construir este texto-documento-registro-memória.

O termo bricolagem tem relação com a premissa norte-americana da década de 50 “Do it yourself”, ou “faça você mesmo”. Entretanto bricolagem é um termo originalmente francês “bricoluer” que designa atividade de fazer pequenos reparos, sem a necessidade de ser um especialista na área. O trabalho é feito de forma amadora, onde se recorta, cola, repara, ajusta, monta. Porém, nem sempre o resultado deste trabalho corresponde a uma estética que convencionalmente está associada à ideia de belo.

Já aqui neste “abecedário”, encontramos a seguinte afirmação: “Bricolagem é um termo menor. Seu operar está em congruência com improvisar, colar, reinventar, compor” (MARASCHIM e RANIERE 2012, p. 41) e, ao que tudo indica, este estudo tem um tanto de bricolagem, ao pensarmos com os autores a questão levantada por eles: “Seria possível desprezar as especializações acadêmicas para pensar um método proletário de análise?” (*Ibidem*, p. 41)

Bricolagem parece estar, também, em relação com a ideia de artesanato, trabalho manual feito com as próprias mãos. Neste caso, escrever com as mãos de um corpo que se põe em movimento. Corpo afetado pela questão da pesquisa, faz dessas afetações elementos para pensar o próprio pesquisar. Isso não nos parece nada convencional nos termos tradicionais de pesquisa. Seria então um método proletário? Pensemos com os autores:

[...] se tratando de um referencial bricolado à Filosofia da Diferença ou à pesquisa-intervenção, os procedimentos e mesmo os problemas, mudam consideravelmente no transcurso do pesquisar. À medida que mergulha nas intensidades do platô pesquisado, o corpo do pesquisador torna-se seu instrumento técnico, pois se utiliza de alguns conceitos – teoria – a fim de operacionalizá-los em seus encontros-análises. Dessa forma, os procedimentos e os métodos e as próprias questões de partida, adotados para a realização da pesquisa, estão ligados à criação de elos, links, conexões entre o objeto pesquisado e o próprio pesquisador. Tal metodologia precisa ser suficientemente forte para suportar a constante territorialização e a desterritorialização provocada pelos conceitos utilizados. (MARASCHIM e RANIERE, 2012, p. 42)

Virando a página, lá está o próximo verbete: “Cartografar” (COSTA, ANGLEI E FONSECA, 2012, p.45). Encontramos mais uma pista “busca-se o que é menor, aquilo que agita um estado de coisas, que faz problema, deste modo, ouvidos, narizes, bocas, mãos, se põem a vasculhar um acontecimento” (*Ibidem*, p.45). Foi o que tentamos fazer, nos caminhos percorridos, nesse corpo pesquisante, que ansiava por afetações e, foi, a partir delas que encontramos, não respostas, mas sentidos para a escrita. Ao observar onde os modos de militância operaram minorias e foram se decompondo, recompondo-se novamente e fazendo minorar os modelos majoritários, pudemos ver que, ali, estava o inusitado, e de certa forma outras potências possíveis de serem acessadas nas práticas militantes. Voltaremos ao tema da cartografia mais adiante, pois ainda temos muito que discutir sobre esse traçar caminhos.

Seguimos neste abecedário, lá está nosso último verbete, porém, não menos importante: “Escrever” (ZANELLA, 2012, p. 89). Neste, confirmamos a suspeita que tínhamos “escrever não significa simplesmente transpor para a tela do computador um pensamento prévio: ao escrever, os pensamentos se (trans)formam e, nesse movimento, transforma-se o próprio escritor, seus pensamentos e emoções” (ZANELLA, 2012, p. 89).

Deleuze e Parnet (1998), autores que estiveram muito presentes neste estudo, realizam uma belíssima reflexão sobre o ato de escrever e nos são bem-vindas suas colocações, pois vão ao encontro das questões que levantamos: que pode uma escrita? Que agenciamentos ela opera?

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nela, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa. [...] Bem diferentes são os devires contidos na escritura quando ela não se alia a palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga. Dir-se-ia que a escritura, por si mesma, quando ela não é oficial, encontra inevitavelmente “minorias”... Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar como de atacar. Há um devir mulher na escritura. Não se trata de escrever “como” uma mulher. [...] Mulher não é necessariamente o escritor, mas o devir-minoritário de sua estrutura, seja ele homem ou mulher. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 56)

Esta escrita foi feita percorrendo caminhos e convocando memórias e uma personagem surge e foi se configurando e tomando espaço no texto. A partir de suas narrativas convida-nos a adentrar num universo singular e surpreendente. Esse escrito acolheu essa personagem, mais do que isso, enalteceu suas vozes, vozes menores, devires... “Ao escrever sempre se dá escritura a quem não tem, mas estes dão à escritura um devir sem o qual ela não existiria, sem o qual ela seria pura redundância a serviço das potências estabelecidas.... A

escritura se conjuga sempre com outra coisa que é seu próprio devir”. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 57).

A produção dessa escrita foi sendo realizada a partir dos pressupostos cartográficos, numa tentativa de reverter o sentido tradicional da palavra método, conforme Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2010).

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (PASSOS e BARROS, 2010, p. 17)

Para tanto, reafirma-se a cartografia como um modo de conceber o pesquisar, onde pesquisador e campo não são pólos opostos, mas lócus de encontros, onde define-se um percurso e um trajeto de pesquisa que vai sendo constituído conjuntamente. Neste sentido, conceber o pensamento como experiência é radicalmente diferente da necessidade de uma teoria que explique as práticas ou de práticas que ilustrem a teoria. Daí a escolha da cartografia como ferramenta, onde o pensamento é prática e a prática pensamento.

Assim, cartografar as práticas militantes de uma militância menor mostra que a experiência vivida está implicada no pensamento e que este, está implicado na experiência. Segundo Barros e Kastrup (2010) trata-se de praticar a cartografia e não aplicá-la, pois não é um método baseado em regras gerais e definidas e, sim num procedimento a ser construído caso a caso. É, desde modo, um referencial que pretende acompanhar processos e não descrever objetos. Estou aliada com as autoras quando afirmam que:

A opção pelo método cartográfico, ao revelar sua proximidade com a geografia, ratifica sua pertinência para acompanhar a processualidade dos processos de subjetivação que ocorrem a partir de uma configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente. (BARROS e KASTRUP, 2010, p. 77)

Neste estudo, as experiências onde a militância se fez presente foram cartografadas, porém, não mais no contorno dos Movimentos Sociais institucionalizados, não mais uma militância de crachá, enquanto “delegação”, mas uma “militância menor”, talvez clandestina. Foi essa militância, a que pode operar no desvio, que se tratou de cartografar.

Depois de queimar o crachá, seguimos com a questão, afinal o que é ser militante? E com a questão seguindo viva no cotidiano, fomos percebendo que se tratava mais de praticá-la do que respondê-la. Três linhas se cruzam neste fazer cartográfico: a militância de crachá, a

qual recusamos, em alguma medida, depois uma militância que se praticou como trabalhadora em políticas públicas, no fazer do próprio trabalho, nos modos como nos relacionamos com as vidas que cruzam nossos caminhos. Nesta, buscamos enfrentar os modelos instituídos colocados para o trabalho em políticas públicas dentro da assistência social que pode definir um fazer, muitas vezes policialesco, tentando encaixar as pessoas dentro de determinado modelo de vida, ou, de como se deve viver. E uma militância que se deu dentro do ambiente universitário, durante a ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social enquanto aluna de pós-graduação querendo pesquisar sobre militância. Nesta experiência, buscamos a militância menor e, pensamos, ela própria se fez presente e viva. Foi a partir desse hibridismo entre a pesquisadora que pesquisa sobre militância e a militante fazendo pesquisa, que se traçou o desenho deste estudo.

A experiência de realizar um Sarau pós ocupação, com a denominação: “Ocupa: reencontro, rastros e recordações – Museu, no somos, no som, no eco”, teve como intuito reviver as memórias, revisitar os rastros que haviam permanecido da ocupação e de reencontrar as pessoas que fizeram tudo aquilo acontecer. Foi este o gatilho para pensar a arte como abertura para invenção de outros modos de militância. Daí a escolha por evocar uma personagem para narrar experiências colocadas numa certa temporalidade fictícia, em recortes de situações onde as questões sobre a militância se colocavam. Pensando a arte como essa abertura para outros possíveis, onde personas surgem e se apossam do corpo que se põe ao risco do fazer artístico.

Encontra-se presente neste estudo uma terceira voz, a voz dessa personagem, que foi se inserindo e se fazendo no próprio texto. Essa personagem vai narrando suas experiências e alimentando-se de palavras e, transcrevendo-as nas linhas que seguem. Inspirada pelo Sujeito da Experiência de Larrosa (2002), as narrativas instalam um tempo outro, parada, um olhar devagar, pensar devagar, acalmar o passo, ir no contrafluxo contemporâneo que nos convoca ao excesso de informação, e nos impede de ver de ouvir, e até mesmo de sentir. Sentir o que fugazmente nos atravessa. Segundo o autor a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Porém, estamos vivendo tempos escassos de experiências, o próprio Walter Benjamin (2012) já anunciava essa escassez: “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIM, 2012, p. 213)

Já Larrosa (2002) descreve os motivos que nos levam a experienciar cada vez menos os acontecimentos. Segundo ele, primeiramente porque estamos vivendo um tempo de

excesso de informação. “A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2002, p. 21). Em segundo lugar o excesso de opinião tem deixado as experiências cada vez mais raras, “o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina [...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça” (LARROSA, 2002, p. 22). Em terceiro lugar a escassez de experiência está associada com a falta de tempo, tudo passa demasiadamente depressa “a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 23). Em último lugar Larrosa vai atribuir a raridade das experiências por excesso de trabalho. Chamando atenção para a distinção necessária a se fazer entre experiência e trabalho, não caindo num certo clichê “onde, a partir do trabalho se adquire experiência”. Depois de realizar essas observações, Larrosa afirma que:

Nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 24)

Entretanto, gostaríamos de fugir destes imperativos. E essa foi a tentativa que fizemos, trazendo para esse exercício cartográfico narrativas de experiências onde a personagem instala um outro tempo no texto, tempo da experiência. Para Larrosa a experiência solicita um movimento de interrupção, o que é quase impossível nos tempos de hoje.

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

A personagem narra com detalhes e intensidades, situações cotidianas que viveu no fazer do próprio trabalho, assim como, momentos que viveu quando participou da ocupação da universidade. E, em um terceiro momento, quando ela reencontra-se com o fazer artístico, vivendo o sarau, acredita ter encontrado seu lugar próprio. A partir destes três “atos” se desenvolvem as narrativas que este texto apresentará. Contrariando, neste caso, a afirmação

de Walter Benjamin (2012) quando diz, “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIM, 2012, p. 216).

Aqui, nossa personagem as comunica com riqueza de detalhes, trazendo elementos para pensar nossa questão de pesquisa. Cabe também, pensando novamente com Larrosa (2002), perceber que nossa personagem, ao narrar suas experiências ativa um movimento de “exposição”. Pois, para o autor, só é capaz de experiência aquele que se “ex-põe”.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2002, p.25)

Nossa personagem assume esse risco, e no movimento de narrar seus caminhos e descaminhos, vai nos conduzindo para o universo onde se localizam suas militâncias, ou, onde compreende outros sentidos colocados para essa questão.

3 SOBRE UM VIVER *MENOR*

*Enquanto houver espaço, corpo, tempo
e algum modo de dizer não.*

Eu canto...

(Divina comédia humana - Belchior)

3.1 **Metamorfoseando-se**

E agora no que eu acredito? Onde mesmo que eu milito? Seria uma crise de identidade? Mas eu justamente estava em crise com a ideia de identidade, será mesmo que teria que carregar um crachá no pescoço para saber quem eu sou?

Uma crise bagunça as coisas, desacomoda, movimenta as peças do jogo da vida. Algumas coisas não se encaixam mais, mal-estar generalizado. Como uma roupa que não serve mais, o desconforto movimenta o corpo. Ao mesmo tempo que parecia insuportável o fato de não saber quem eu era, também não achava mais interessante cercar todas as possibilidades do meu "eu" numa certa totalidade. Era justo? Se fosse, para quem seria? Com quem, ou melhor, com que "eu" estaria sendo "justa", estando obediente a determinada força que quer corresponder às "normas" estabelecidas. Foi quando percebi que esse "eu" que tanto enaltecia, era o que me prendia e não me deixava enxergar outra possibilidade, senão, a de corresponder a ele.

Foi como num sonho que uma voz ecoou no meu ouvido dizendo assim... "ei, desmancha esse "eu" derrete ele em banho-maria, coloca duas pitadas de desobediência, quatro de resistência e cinco de teimosia". E continuou a sussurrar... toda vez que ele, ou que essa vontade quiser aparecer você lembra de trocá-la por "ser". Você não será mais aquilo, você vai estar sendo aquilo, assim como, poderá ser tantas outras coisas, as quais, achar interessante ser..." Nossa! Aquele encontro foi ao mesmo

tempo libertador e também assustador. Posso ser o que quiser? Então quais as coisas vou querer ser? Liberdade que assusta.

O encontro com Clarice foi essa abertura para muitos possíveis. Abertura de possibilidades para a variação e diminuição das forças que tendem a delimitar e alienar nossas experimentações, ou a possibilidade delas.

Foi a partir desse encontro, desse marcante encontro, que descobri a potência de uma vida clandestina e desviante! Uma clandestinidade mesmo nos lugares mais conhecidos e habitados por nós. Clarice mostrou-me o sabor do Não. Não saber, não ser, não corresponder e principalmente não obedecer. Sobretudo, forçar uma desobediência à vontade de identificação que corresponde em acomodar nosso "Euzinho" num lugar seguro e confortável. Clarice é uma força, uma força que se apossa do meu corpo e me faz desviar destes contornos bem definidos que nos são solicitados e acabamos em muitos momentos correspondendo. Como fugir disso? Como inventar outros caminhos, produzir desvios, fazer vazar esta vontade de definição que marca nosso tempo?

Duas vidas, duas mulheres, uma em crise e a outra também. Ambas se misturam, não se sabe onde começa uma e termina outra, sem contornos definidos vão inventando novos modos de viver e militar por aqui.

Na companhia dessa moça seguirei minhas andanças, agora não estou mais só, chego a duvidar se algum dia estive. Aqui dentro mora uma força que com toda sua graça e ousadia me carrega para mais uma dança... Aquela dança tão bela e plena, que Luiz Fuganti nos apresenta "a dança dos fluxos nômades que acontecem no campo do caso" (FUGANTI, 1990, p. 43). É nesse ritmo que essas duas seguem seus balanços.

Que o acaso interrompa os caminhos retilíneos, que as encruzilhadas provoquem desvios, porém, que estes não sejam estanques e sim, fluídos e fugidios. Para que não façamos morada nem mesmo longas paradas. Há lugares demasiadamente

apertados que podem fazer mingua nossa potência de agir. Como resistir? Minha cara, não há receita, pois é na própria vida que encontraremos as saídas. Ou seriam as entradas? Saídas ou entradas? Das duas, uma? A voz, aquela, sussurra novamente no meu ouvido... "Das duas, outras!" É com essa voz que a partir de agora, eu conto e se for preciso, grito também. Nos descaminhos da pesquisa, a poesia a nos salvar. Abro a "mandala lunar" lá encontro afago e aconchego, pois havia esquecido das tantas irmãs que tenho. Entre elas está Clarice que mistura-se nas outras.

*Gravar. Divulgar. Escrever. Desenhar. Furar.
 Costurar. Publicar. Para que tudo isso? Tem gente
 muito mais talentosa, muito mais qualificada. Gente com
 muito mais o que dizer. Nem vale a pena tentar.
 A voz que se esconde nas sombras quer que eu me
 esconda também. Dói e assusta olhar diretamente para
 o predador que vive em mim. Que se alimenta de mim.
 Timidamente, ensaio uma resposta.
 Vou fazer o que é possível, por mim e por todas. Vou
 Celebrar e aprender com as outras. Sei que, de vez em
 quando, vou sofrer pelo que não sou. Mas não deixo de
 saber que sou o suficiente.
 Quando a voz do predador falar mais alto, eu grito por
 ajuda. Chamo minhas irmãs. Lutamos lado a lado
 para salvar aquilo que ainda não floresceu.
 Sozinha é muito difícil. Que bom que estamos juntas.*

Editora Barbazul

Barbara Nickel e Mariana Bandarra

(Mandala Lunar, 2018)

3.2 Militância e o trabalho em Políticas Públicas: Vidas que se reinventam...

Era uma casa muito engraçada, tinha teto, mas não tinha quase nada, nem mesmo água encanada. As paredes da casa foram levantadas com muito esforço por Dona Liane e com ajuda de alguns homens. Que ela coordenava, a eles e também a obra. Que aos poucos foi se transformando na casa que ela tanto sonhava.

Como não era boba nem nada, sabia que para ser respeitada, tinha que mostrar para aqueles homens que também sabia trabalhar em tarefa pesada. Clarice, surpresa, via que os braços desmilinguidos daquela mulher franzina ficavam só na aparência. Dona Liane erguia tijolos, virava massa e ainda cuidava das filhas. Ela tinha quatro e de pouco em pouco tinha que parar o serviço da obra, para amamentar a pequena. Foi justamente seu nascimento, o que motivou o encontro entre elas. Clarice e dona Liane.

Depois de parir a pequena Maria Valentina, Dona Liane, por intermédio da equipe do hospital, recebeu em sua casa a visita de Clarice. O que ela não sabia é que depois daquele dia, agora, contando com mais uma parceria, mudaria totalmente o curso de sua própria vida.

As duas se emparceiraram, traçaram juntas um plano, pontuando as dificuldades, mas dando ênfase aos sonhos. A partir de agora você não está mais sozinha, pode contar comigo! Dizia aquela moça, que sem conhecer direito, seria a pessoa que Dona Liane mais confiaria.

Com o passar do tempo foi reconhecendo que naquela relação o que predominava era o afeto, carinho e respeito. A frequência dos encontros era quinzenal, porém, inúmeras foram as conversas por telefone, Dona Liane não se apertava, pois sabia que não estava só. Toda vez que tinha alguma dúvida, pegava o telefone sem hesitar e ligava a cobrar, pois sabia

que naquele serviço encontraria Clarice sempre disposta a lhe auxiliar.

No decorrer dos encontros, Dona Liane menos ríspida e mais segura vai confiando suas histórias aquela moça, que mesmo parecendo mais jovem, tinha mais idade que a sua. Mas isso ela nem imaginava. Era uma informação que só Clarice sabia e como isso lhe comovia - uma mulher tão jovem e já com quatro filhas.

Mulher, mãe de quatro filhas em idade entre zero e oito anos, teve sua vida marcada por violências e violações. Sobre sua família, pouco falava, se dizia bicho solto e que nas quebrada era ela, por ela. Mas agora com as meninas e a "Tininha" (como chamava a filha recém-nascida) as coisas mudam de figura. Dona Liane estava preocupada, dizia que tinha poucas certezas na vida, talvez a única delas é que não sobreviveria sem as suas meninas.

Foi diante desse medo, que em seguida se transformou em força que Dona Liane consegue bravamente permanecer abstinentes. Vincula-se ao posto de saúde, realiza tratamento para tuberculose, coloca em dia a carteira de vacinação das filhas, realiza a matrícula das meninas na escola. Tudo parece ir bem, mãe e filhas bem alimentadas, não há mais sinal de desnutrição.

Passados alguns meses é visível sua melhora. Mas a vida é feita de altos e baixos, quando num único disparo, morre seu primo, vítima da disputa de território. Alguns familiares envolvidos com o tráfico de drogas, ambiente que para ela não era nenhuma novela, era real a correria. Por estes lugares Dona Liane também já tinha feito carreira. Primo irmão morto, Dona Liane estava de volta, no fundo do poço, quando Clarice retorna das férias.

Clarice não consegue dormir pensando nas filhas que não eram suas, mas que bravamente às defendia, defendia que tinham que estar perto da mãe e que ambas se fortaleciam. Tirar as

filhas dela, era como abrir mão daquela vida, que solitária, rapidamente seria capturada pela crueldade da favela.

As filhas era tudo que ela tinha, num dos encontros disse: se me tirarem as meninas, eu juro que morreria! A essa altura outros serviços já estavam envolvidos no caso, o circo estava armado, escola, posto de saúde, conselho tutelar, todos com o mesmo propósito, as crianças "salvar". E pela vida daquela mulher, ninguém se interessava? Parece que não, muitas vezes, nem mesmo ela.

Mas Clarice não desistiu, mais uma vez o morro subiu e lá, ambas sentadas numa pedra contemplavam a vista de cima do morro que ficava atrás da casa dela. Tiveram uma franca conversa, dessas de se olhar olho no olho. Clarice com alguns retratos na mão, mostra para Dona Liane fotos de como ela era. Os olhos daquela mulher franzina que pareciam secos de tanta dor e desesperança lacrimejaram e quando a primeira lágrima caiu, Clarice sentiu que aquela vida valia muito a pena.

Na saída, um abraço apertado de despedia e a promessa de que algumas coisas Dona Liane faria. Clarice, ainda muito preocupada tinha informações que ali perto morava um tio, porém, também sabia que o tal tio, no movimento do tráfico se envolvia. Mesmo com medo, achou que ele ajudaria.

Saiu perguntando para os vizinhos onde morava o fulaninho. Engraçado, de repente ninguém mais o conhecia, não sabiam onde morava, nem mesmo que nome tinha. Clarice percebendo que caminhava em vão, logo abortou a missão e para o serviço retornou sem saber o que faria. Na mesma semana a notícia correu e rapidamente nos ouvidos de Dona Liane chegou, ela então sentenciou: não quero você atrás de ninguém, não te envolve nesses bolo, isso aqui é treta forte, não quero ver você arriscando a própria sorte, deixa que isso eu resolvo.

A situação no morro estava cada vez pior, a noite, enquanto no seu apartamento Clarice descansava, no morro, a bala pegava. No dia seguinte só se ouvia as atrocidades que

aquela comunidade, todas as noites, padecia. Numa daquelas noites mais um disparo mudou completamente o curso da vida daquelas meninas. Era o tio de Dona Liane que amanheceu com o boca cheia de formiga. Movimentação no morro - "assassinaram o patrão, bora atrás de munição e vamo mostra pra esses cuzão, que eles podem até matar o patrão, mas não vão tomar o morro".

Agora sim, a casa caiu! Naquela noite, foi Clarice que não dormiu.

No dia seguinte, sem coragem para subir o morro, só o que lhe restava era aguardar por um pedido de socorro. Que chegou após dois dias. Dona Liane, decide novamente o telefone usar, numa chamada a cobrar diz que precisa de ajuda e marca com Clarice de se encontrar.

As duas, visivelmente chocadas, sabiam que juntas encontrariam um final melhor para aquela história. Naquele encontro Dona Liane traz para a cena um novo elemento, o pai das meninas que por mágoa havia silenciado todo esse tempo. Ela não perdoava sua traição, orgulhosa, reiterava o não.

Ele, por diversas vezes tentou se reaproximar, durante a gestação veio lhe visitar, insistia para que ela o perdoasse e que os dois juntos ficassem, mas ela, mesmo sem querer, dizia que não. Naquele dia, ao lembrar os momentos com ele, passou a perceber que o não que dizia, era quase uma ironia, pois ela bem sabia, que era ele, o homem que tanto queria.

Puxou do bolso um papelzinho, era o número dele, com as bochechas rosadas pergunta se poderia usar o telefone. Clarice prontamente lhe alcança o aparelho. Ela disca e logo em seguida, sem muitos rodeios diz pra ele que quer voltar. Ele, na mesma hora concordou e logo combinou que no dia seguinte viria lhe buscar. Disse ainda que estava muito feliz, pois o dia que ele tanto esperava, chegou. Ele, sua amada e as filhas, formando uma linda família, a qual, ele prometia com todo carinho e respeito cuidar.

Dona Liane que não era acostumada com galanteios e palavras de amor, com um sorriso tímido foi logo tratando de fazendo as combinações: horário, local, estava tudo acertado para no dia seguinte, junto das filhas seguir o novo itinerário.

Juntou as poucas coisas que ainda restava na casa, aquela que era muito engraçada e que não tinha quase nada... Como Dona Liane sempre falou, o que tinha de mais precioso, junto dela levou. Eram as meninas que faziam seus olhos brilhar. Para ela, era o que fazia sentido e motiva a vida querer mudar. Levou consigo as fotos, aquelas que Clarice um dia lhe mostrou. E por mais que o tempo passasse nunca esqueceria a parceira que ali encontrou.

Num abraço afetuoso, sentindo um misto de dor e alegria diante da nova caminhada que Dona Liane traçaria, as duas se despedem, mas antes de ir embora Dona Liane adverte: "toma cuidado aqui na vila, não queira dar uma de salvadora da pátria, por sorte você não foi encurralada. Aqui, os vagabundo atira e mata". Clarice entendeu o recado, mais do que isso, que aquele era seu jeito de demonstrar cuidado e carinho.

Depois da mudança, toda semana Dona Liane ligava, as duas por algum tempo conversavam. Ela entusiasmada contava que as meninas já estavam matriculadas na escola e que a pequena Tininha já ensaiava os primeiros passos. As ligações, com o passar do tempo foram ficando cada vez mais esparsas. Clarice, recorda que a última vez que soube de Dona Liane foi ao telefone. Quem chamou foi o companheiro, que entusiasmado anunciou, Dona Liane está tomando banho de chuveiro!

Clarice, emocionada suspirou e desejou que felizes eles vivessem. E relembrou o que havia dito outro dia. Para se viver junto, receita não existia, era preciso reinventar-se todos os dias. Desligou o telefone, novamente suspirou e logo pensou, que elas nunca mais se encontrariam. Porém, não lhe restava dúvida que esta era uma das mais belas experiências

que daquele lugar ela recordaria. Dona Liane e sua história foi um presente que Clarice guarda com todo cuidado até hoje. Se emociona, toda vez que lembra do entusiasmo do companheiro contanto que agora, Dona Liane toma banho de chuveiro.

No final da década de 70, viveu-se no Brasil o chamado período de “Abertura Política”, conjuntamente, aconteciam as primeiras greves no ABC Paulista, sendo o ex-presidente Lula uma das figuras mais destacadas daquele contexto. Foi um período importante, apesar do país ainda viver sob os ditames do regime militar, “este período marca a construção de um projeto social de país, que irá deixar marcas significativas na Constituição de 1988, a chamada constituição cidadã”. (NARDI, 2013, p. 23). Foi neste processo que diversas políticas públicas foram desenhadas, com o objetivo de reverter as desigualdades sociais que marcam a história de nossa sociedade.

Sendo assim, as transformações sociais que podemos considerar como “vitórias” da classe trabalhadora, como por exemplo - o Sistema Único de Saúde – SUS, o Sistema Único da Assistência Social - SUAS, são frutos das diversas mobilizações políticas, travadas por Movimentos Sociais, que além de fazer frente ao Regime Militar estavam mobilizados na construção de um país mais justo e igualitário.

Isso nos fornece pistas para pensar a relação tênue entre trabalho e militância, sobretudo no campo das políticas públicas, onde tais práticas, por vezes, se complementam, e se entrecruzam. O que nos faz pensar é se, em alguma medida, o trabalho no âmbito das políticas públicas pode ser considerado como uma “ocupação” do Estado, pelo trabalhador (a) militante para fazer operar micropolíticas, movimentos instituintes a favor da vida, da expansão dos modos de viver.

Contudo é preciso atenção para as encruzilhadas postas neste trabalho. Nesta direção pensamos junto com Guattari e Rolnik (2008):

[...] devemos interpelar todos aqueles que ocupam uma posição de ensino nas ciências sociais e psicológicas, ou no campo de trabalho social, todos aqueles cuja

profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro. Eles se encontram numa encruzilhada política e micropolítica fundamental. Ou vão fazer o jogo dessa reprodução de modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização, ou, ao contrário, vão estar trabalhando para o funcionamento desses processos na medida de suas possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar. Isso quer dizer que não há objetividade científica alguma nesse campo, nem uma suposta neutralidade na relação [...] (GUATTARI e ROLNIK, 2008, p. 37)

Refletindo sobre as práticas militantes no trabalho em políticas públicas, defendemos a ideia de que ela pode operar aberturas, podendo ser produtora de territórios singulares, onde é possível reconhecer as armadilhas do instituído.

Como sugere Coimbra (1995) “Militância guerreira em que se fica ao lado da vida, da afirmação, do instituinte, das implicações, da transversalidade, do processo de singularização e, portanto, rompe-se com o autoritarismo dos saberes oficiais, englobantes e totalizantes” (COIMBRA, 1995, p.xv). Militância que pode reconhecer as armadilhas do Estado e suas capturas, mas com potência na micropolítica das relações, dos cotidianos, da vida menor.

A ocupação

Cabe aqui, fazer um breve resgate sobre a prática da ocupação, sendo ela uma estratégia política e de repertório dos Movimentos Sociais. O ato de ocupar é uma prática que muitos Movimentos Sociais, tanto no meio rural quanto no meio urbano, utilizam há algum tempo. Nestes diferentes contextos, o ato de ocupar uma propriedade privada ou um prédio público e, ainda, espaços ao ar livre, como praças e parques, ruas e avenidas, surge como estratégia política. Porém, são diversas as situações que podem provocar uma ocupação, ou melhor, a escolha por esta estratégia. Inúmeras podem ser as situações que motivam uma ocupação, assim como, seus modos, locais e atores.

Conforme registrado em sua página oficial⁸, o MST surgiu a partir de uma ocupação de terra. Trata-se de ocupações em propriedades agrícolas de grande extensão e pertencentes a uma única pessoa, ou família e que, portanto, não se encontram cumprindo a função social da propriedade (os chamados latifúndios). De acordo com o parágrafo XXIII do artigo 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), qualquer propriedade, para se legitimar como tal, deve cumprir sua função social.

Foi a partir da ocupação das fazendas Macali e Brilhante que vimos surgir o MST, sendo essa sua principal estratégia de ação direta utilizada pelo movimento desde então. Contudo, o MST também realiza em determinado momento, ocupações a prédios públicos, como: Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Secretaria da Agricultura na esfera municipal e principalmente estadual, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, etc. Uma questão importante de salientar é que o conceito de “Ocupação” é muito caro ao MST, sendo amplamente debatido nos encontros que reuniam a militância Sem Terra, pois era necessário discutir a distinção entre ocupar e invadir (ainda que muitos meios de comunicação se refiram desta forma quando divulgam as ações realizadas pelo MST). O termo invasão carrega um tom pejorativo e desqualificado, dando alusão de algo perigoso, fora da lei e portanto, criminoso.

O MST toma o ato de ocupar como sua principal estratégia política e de enfrentamento, no sentido de pressionar para o cumprimento da Reforma Agrária, ou seja, a distribuição da terra para realização de sua função social.

Desde então, esta estratégia é utilizada por outros Movimentos Sociais, como por exemplo os Movimentos Sociais urbanos de luta por moradias. Contudo, este não será o foco central da discussão deste trabalho, porém, achamos pertinente registrar esta particularidade sobre as ocupações enquanto estratégia política adotada por alguns movimentos.

Feito este breve registro, adentraremos no contexto onde nos interessa pensar a questão da militância. Entretanto, cabe algumas palavras sobre como tudo começou, antes de ocupar as universidades, assistimos boquiabertos aos Movimentos de Ocupação protagonizado pelos Alunos Secundaristas. As ocupações nas escolas protagonizadas por essa garotada teve início em novembro de 2015 no estado de São Paulo⁹. Os estudantes contrários às políticas de reestruturação do sistema educacional adotadas pelo então governador do estado Geraldo Alckmin, as quais previam o fechamento de aproximadamente cem escolas,

⁸ <http://www.mst.org.br/> - vários acessos, abril e maio de 2018.

⁹ Para mais informações: <http://www.politize.com.br/> e <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-secundaristas-avancam-contra-temer>

que corresponderia ao remanejamento de milhares de alunos e professores. Estes estudantes decidem, então, ocupar suas escolas em sinal de protesto e de reivindicação à estas medidas. Entre as “palavras de ordem” estava a frase: “não tem arrego, você fecha minha escola e eu tiro seu sossego” e as mobilizações surtiram efeito e os secundaristas conseguiram que o governo suspendesse a reorganização do sistema.

No ano de 2016 vimos a mesma estratégia ser adotados novamente pelos estudantes, porém, naquele momento, os movimentos de ocupação foram iniciados pelos secundaristas do Estado do Paraná, no mês de outubro, e rapidamente se proliferou nos demais estados.

Aos gritos de “ocupa, ocupa, ocupa e resiste” a mobilização que teve caráter nacional, protagonizada por estudantes, contou com apoio de professores e servidores das universidades, contrários às políticas adotadas pelo governo considerado ilegítimo e golpista de Michel Temer.

Mobilizados estavam com o objetivo de barrar a Medida Provisória sobre a reforma do Ensino Médio, a qual pretendia destruir uma conquista histórica do período pós-ditadura, a saber, a possibilidade de reflexão crítica sobre a sociedade, na medida em que pretendia cortar disciplinas do Ensino Médio que proporcionam esta reflexão. Com a nova reforma, disciplinas como: Sociologia, Filosofia, História, estariam fora do currículo¹⁰. Ainda, entre as pautas levantadas pelos “ocupantes” estava defender que nenhum retrocesso no âmbito de direitos já conquistados fosse retirado de seu povo, que os investimentos em políticas sociais, como educação, saúde, assistência social não fossem congelados por vinte anos, com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional – PEC 241/55.

O movimento de ocupação à Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi inaugurado pelos alunos do Instituto de Letras, com a ocupação do prédio no dia 26 de outubro de 2016. Embora a mobilização tenha ganhado maior adesão no dia 31 do mesmo mês, quando mais de vinte cursos da universidade estavam com suas sedes ocupadas. O número de ocupações aos prédios da Universidade foi aumentando com o passar dos dias, ocasionando um movimento inédito de ocupação em praticamente toda a universidade. O movimento de ocupação das universidades e escolas teve abrangência nacional, tendo ocorrido em 22 Estados da Federação mais o Distrito Federal, sendo que todos estes tiveram, pelo menos uma escola ou universidade ocupada por seus estudantes.

As ocupações surgem, então, como possibilidade de resistência a estes retrocessos, e como forma de dizer que eram contrários a todo e qualquer avanço conservador e fascista que

¹⁰ Sobre o assunto consultar: Medida Provisória - MP 746/2016.

o projeto neoliberal pretendesse instaurar no país. As ocupações que vimos acontecer, foram inicialmente motivadas com o intuito de barrar políticas conservadoras e de retirada de direitos. Entretanto, um universo se abre diante de uma ocupação e é neste universo que pretendemos mergulhar. Convido você, quem me lê, para mergulhar comigo nestas águas, que não são águas de março, mas sim de primavera.

3.3 Militâncias Menores...

provocando desvios na Ocupação

Primavera, trinta e um de outubro de dois mil e dezesseis
- Ocupação Estudantil do Instituto de Psicologia e Serviço
Social da Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Fotografia 1 - Fachada do Instituto de Psicologia e Serviço Social - UFRGS



Fonte: Página da Ocupação no Facebook: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/>

Ocupado! Como Assim? Não vai mais ter aula, o que vai acontecer aqui? - Não sei direito, mas o fato é que a universidade está ocupada. Respondia à colega que surpresa perguntava. E o que a gente faz agora? - Vamos nos juntar ao

movimento, parece ser da hora. O pessoal aqui da psico é super maneiro, vamos perguntar se rola”.

Clarice de longe ouvia o diálogo, e rindo sozinha lembrava, que logo que soube da ocupação, também pensava: O que faço agora? Assim como as duas amigas, também não sabia muito o fazer quando ouviu dizer, que os alunos também haviam ocupado o IP. Todos ali reunidos, o pátio ficou florido logo de início daquela linda assembleia.

Fotografia 2 - Assembleia que deliberou a Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social - UFRGS



Fonte: Página da Ocupação no Facebook: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/>

O ponto de pauta era se ocupado também seria, o Instituto de Psicologia. A decisão foi praticamente unânime. Logo foram dados os encaminhamentos, em poucos instantes aquele lugar que continuava sendo a Universidade, se transformou, agora também era espaço de partilha, convívio diário e principalmente operador de muitos encontros. Inclusive, encontro daquelas forças que tanto estudamos nas teorias.

Já na entrada, surpresa na escada...

Fotografia 3 - Escadaria do Instituto de Psicologia e Serviço Social - UFRGS



Fonte: Registro próprio

Que agora estava pintada, com letras grandes em preto e vermelho. Aquela frase era mais um lembrete, para todos aqueles que ali “produzem conhecimento”. Ali se comia, ali se dormia, ali se estudava, muitos foram os alunos que ali fizeram moradia. Passando dias e dias ocupados em construir

novos modos de estar naquele lugar, que todos, até então conheciam. Porém, a partir de agora com essa nova configuração, era novo o que se via.

O saguão era o principal espaço de circulação. Além de contemplar inúmeras atividades da programação, era ali o espaço reservado para quem quisesse visitar a ocupação. Só subiam as escadas quem tinha autorização. Algumas salas viraram dormitórios. Os banheiros que até então estavam interditados, passaram a ser usados. Quase tudo naquele lugar estava modificado.

Dias intensos e tensos se viveu ali, discussões acaloradas, assembleias lotadas, algumas vezes esvaziadas. Com o passar dos dias se via, quem ali, mais tempo permanecia. Caras cansadas. Mas tinha sempre uma turma que estava mais animada e logo contagia ao som das batucadas que ali sempre se improvisava.

Comidas deliciosas foram preparadas com carinho e cuidado naquele espaço improvisado que agora se denominava a "cozinha da ocupa". O que ninguém sabia é que ali, além do lugar onde de preparava a comida, também se acolhia as histórias mais incríveis contadas por quem mal se conhecia. Compartilhando saberes culinários, compartilhavam também histórias de vidas. Cada um contava o que queria, por algum momento parecia se desfazer os juízos morais que invadem nossas vontades de ousadia. Ah quem diga, ter sido lá, o palco de suas trocas mais importantes e ricas. Será que era a energia que aquele lugar tinha? Antes mesmo de virar a cozinha, aquele lugar era o espaço mais potente que os estudantes tinham. O DASEIN - Diretório Acadêmico Samuel Eggers - o Incrível. Existem muitas histórias sobre esse lugar, mais adiante vamos contar uma curiosa coincidência sobre ele, o Samuel e a ocupação.

Com o passar dos dias, as paredes iam ficando mais coloridas, com cartazes, pinturas e até poesias. Aos poucos se aglomeravam as atividades que durante a semana se realizaria.

Rodas de conversa, debates, aulas públicas, oficinas e sarau. Todo dia tinha programação, vez ou outra uma surpresa aparecia, lá a gente inventava e se inventava a cada dia.

Clarice participava pela primeira vez de uma ocupação estudantil. Era interessante o que sentia, o que a deixava intrigada era como aquele contexto e também a sua inserção eram transitórios. Por vezes se sentia parte da ocupação, mas em alguns momentos não. Ela não conseguia permanecer por muito tempo lá, tinha que conciliar outras atividades. Nem sempre estava presente nas assembleias que normalmente aconteciam a noite para que o maior número de pessoas pudesse participar, porém, muitas vezes se perguntava, se queria lá estar? E sempre tentando ser muito honesta consigo, passava alguns dias sem a ocupação frequentar. Se envolvia com outras coisas, mas nunca esquecia daquele lugar.

Percebia que quando retornava, depois de alguns dias afastada, tinha sempre a sensação de que precisava se desculpar, ou ainda pedir licença por ali novamente estar. Clarice se perguntava, de onde vinha essa sensação, ela não sabia ao certo se dava atenção. Talvez, correspondesse ao movimento da ocupação. Ou seria esse o embate de forças que agora, aparecia, como sendo sua grande questão. Porém, ainda sem resposta, Clarice não desistia e toda vez que vontade de estar na ocupação ela sentia, pegava seu caderninho, sua bicicleta e ia.

Ela registrava em seu diário todas as coisas que sentia, sempre muito intuitiva, sabia que para alguma coisa aquele registro serviria, poderia se enganar, mas como também era prevenida, preferia não arriscar. Lá pelas tantas aparece a velha questão... Afinal, sou militante da ocupação? Pergunta que parece ter somente uma resposta, ou sim ou não. Logo ria sozinha, quando se dava conta, que parecia querer novamente pendurar um crachá e corresponder àquela que muitas vezes aparece pedindo para se identificar.

Atordoada Clarice resistia e logo percebia que ali as militâncias eram mais fluidas e fugidias, era necessário exercer certa autonomia. Pouco importava quantas noites havia dormido ali e sim, o que cada um fazia quando naquele espaço se inseria. Como cada um se afetava com tudo aquilo que via, ouvia e sentia. Que novos modos inventavam, estando ali na universidade, agora ocupada.

Fotografia 4 - Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS



Fonte: Fotografia Sofia Tessler

Era a vida que se reinventava ali, e estava em todos os lugares, acompanhar estes processos parecia ser o mais interessante de tudo. Clarice, lembra de uma conversa que teve com uma professora, um tempo depois da ocupação, onde lhe partilhou uma interessante sensação. Ela, a professora, disse que sentia um certo constrangimento em frequentar a ocupação e mais ainda, que achava interessante a produção desse constrangimento. "Era um constrangimento necessário" ela dizia. Percebia que aquilo era efeito do próprio movimento e que também demonstrava a força que teve a ocupação. Aquele lugar agora pertencia aos estudantes e por mais que muitas atividades fossem abertas aos professores, eles também

precisavam inventar um novo jeito de estar ali, pois sua condição naquele espaço, agora era outra. Continuavam sendo professores, porém, numa nova configuração, tinham que enfrentar, por exemplo, o constrangimento de se identificar no saguão.

Muitas foram as atividades que aconteceram na ocupação. Emparceirados alunos e professores realizavam atividades conjuntamente, uma em especial emocionou nossa jovem. Todos convidados, eram os professores que naquele dia dariam seus recados.

Fotografia 5 – Programação da Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social-UFRGS



Fonte: Página da Ocupação no Facebook: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/>

Neste dia os professores compartilharam com os alunos e também com seus colegas, histórias de suas vidas. Alguns professores que estavam ali, haviam cuidadosamente escolhido fragmentos de suas caminhadas para repartir com quem ali estivesse. A emoção aflorada por aquele momento/encontro foi sentida, pelos professores, ao narrar suas trajetórias, mas também, por quem permanecia sentado ali, naquele pátio, olhos

e ouvidos atentos, curiosos e também comovidos. Alunos e professores numa mesma roda partilhando experiências e como não dizer, afetando-se uns com os outros. Foi bonito ver, como aquele momento foi importante para desfazer mesmo que momentaneamente, certa distância que muitas vezes predomina nestas relações alunxs x professorxs. Às vezes parece que esquecemos que os professores também foram alunos um dia, que são filhos de alguém, que têm uma vida para além das paredes das salas de aula. Ouvir suas histórias de lutas provocou uma fissura nesta configuração.

História de luta e também de luto, eram recordações de tempos longínquos, retratos de suas mocidades, infâncias e até mesmo lembranças que muitos diziam quase ter esquecido. Recordar aqui tudo era motivo de emoção e também de gratidão por aquele momento vivido.

Clarice viu naquele momento, onde estava a força da ocupação. Sua cabeça não para, é o pensamento pensando... Um encontro aconteceu! Alunos e professores, forçando aberturas, fazendo fissuras nas instituições. Tudo se misturava naquele pátio, todas aquelas vidas. Aquela dupla: aluno e professor parecia ter outro sabor depois daquela mistura. Esta relação, que por vezes, ou melhor, que na grande maioria das vezes se institui e se torna obediente à "norma instituída". As normas da Instituição Ensino/Educação - o professor ensina e o aluno aprende. Opa, espera aí que agora me confundi. Não é justamente essa, uma das pautas da ocupação? A norma? Não. A Educação!

Mas olha é justamente isso, o mais interessante da ocupação. Ela tinha como objetivo "maior" a defesa pela educação, era justamente por isso que se ocupava aquela determinada instituição. Porém, é no decorrer daquela luta/mobilização que acontece algo que alguns pensam se tratar de uma insurreição. O nome é o que menos importa, o que interessa Clarice são as provocações, aquilo que nos transforma.

O que só reforça o que ela já sabe, que isso vai se "dar" nos embater "menores". Era isso que mais interessava nossa personagem. As coisas que se dão na margem e no campo do invisível, do improvável. Quem poderia dizer que uma ocupação à universidade provocaria tudo isso. Para além de defender a educação, e até mesmo a própria instituição - universidade. Ali, naquele "espaço/tempo" estava se rompendo "modos" - modos instituídos de como nos relacionarmos uns com os outros e porque não dizer, conosco.

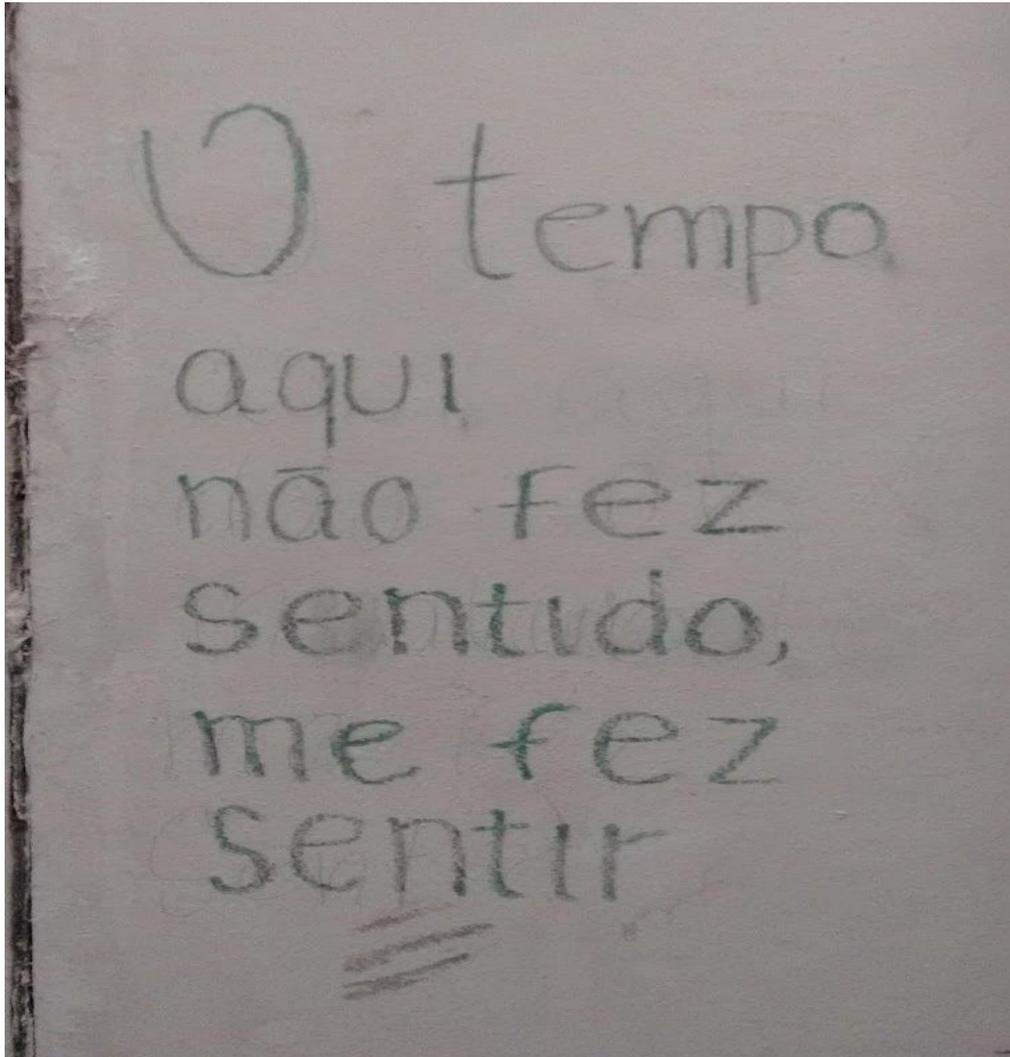
Foi o que Clarice viveu naquele encontro. Misturaram-se, inventaram-se uns aos outros. Esse foi um daqueles encontros em que a gente se transforma. Como Clarice já havia dito, o que mais a interessava eram as potências criativas. Aquelas que nos fazem ir para outros lugares, os quais, ninguém antes conhecia. Foi por onde se aventurou, ao ouvir as histórias contadas naquele dia. Histórias que não eram suas, mas agora estavam lá, guardadas na sua memória. Lugar de onde ninguém as tiraria. Nem mesmo ela teria controle, onde tudo aquilo pararia.

Tudo ali misturado, percebia que seu corpo havia se transformado. O próprio jeito de andar era diferente do que até então ela tinha. Clarice não mais se reconhecia e ao se perguntar, quem era ela naquele lugar? Não conseguia nem mesmo lembrar o nome que tinha. Paula, Fernanda, Tiago, Raquel...

Era nestas forças que Clarice investia sua energia, toda vez que chegava na ocupação do Instituto de Psicologia. Porém, nem sempre conseguia, era necessário muita energia e outro tanto de ousadia.

Ora, imagina não lembrar nem do nome que tinha. Era preciso muita coragem para se aventurar pelas margens. Era uma militância marginal o que Clarice estava provocando? Que rompe com o real? O que Clarice mais gostava era de ser clandestina.

Fotografia 6 – Registro feito da parede do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS



Fonte: Registro próprio

Essa era uma das frases que Clarice enxergava nas paredes, agora pintadas por aquele povo que ali permanecia. Toda vez que lá pisava, via sempre uma novidade na parede pichada. Porém, essa em especial, ela fazia mais do que ler, pois queria fazer valer e sentir intensamente tudo que aquele lugar lhe provocaria.

Lembra de uma noite que dormiu na ocupação, no dia seguinte estava marcada uma "ação" - trancariam uma das principais avenidas da cidade, que ficava localizada nas redondezas da ocupação. Clima de tensão, não saberia dizer se alguém conseguiu dormir naquela noite, suspeita que não.

Chovia torrencialmente, todos estavam em dúvida se daria para fazer a mobilização. Se continuar chovendo assim, creio que não. Ouvia de um colega essa exclamação. A tensão aumentou quando a luz se apagou, para o alívio de todos rapidamente a energia voltou. Um silêncio se instalou, permaneceu por algum tempo, demonstrando um certo medo que talvez todos ali, em alguma medida sentiam.

O silêncio foi quebrado pelos gritos de uma moça que aos berros pedia ajuda. Todos correram para a porta para ver o que acontecia. Abre, abre! Gritava a moça que chorando pedia, por favor, eu preciso de ajuda não sei onde estou. Foi tudo muito rápido, quando vimos ela já estava do nosso lado, seu corpo ainda tremia, entre alguns goles d'agua um pouco mais calma, nos contou do que padecia. Disse não saber que lugar era aquele, nunca havia estado ali, mas quando viu a luz acesa, pediu aos anjos da guarda proteção e ligeireza. Precisava ser rápida para sair daquela situação, onde parecia estar presa. Num ato de coragem ordenou ao homem que o carro parasse, saltou correndo, atravessou a rua e lá estava ela sentindo-se culpada, pois "só queira encontrar com as amigas". A moça procurava abrigo e um lugar seguro, onde pudesse garantir a integridade de seu corpo. O corpo que agora parecia estar sujo, pois tinha sido tocado pelas mãos jocosas daquele homem, nojento e hediondo. Era um taxista, sabe-se lá quantas mulheres já haviam sido suas vítimas.

Clarice rebobina a fita... Quer dizer que se não fosse aquele contexto, ou seja, a iminência de uma Proposta de Emenda à Constitucional ser aprovada, gerando centenas de escolas e universidades ocupadas, aquela moça provavelmente seria estuprada. Viraria mais um número, mais um dado nas estatísticas, cotidianamente divulgadas pela mídia.

Clarice sabia que dificilmente conseguiriam, com as ocupações barrar a aprovação da PEC 241/55. Porém, naquela noite, teve certeza que a ocupação já tinha suas vitórias.

Pois havia evitado que mais uma mulher fosse vítima de abuso sexual. As gurias se olhavam, abraçavam a moça que agora, mais calma, insistentemente agradeceu a acolhida. Sabia que também contava com a sorte de encontrar abrigo naquela noite chuvosa e fria. Todos ali comovidos, porém, pelas mulheres era sabido que aquilo poderia com qualquer uma, ter acontecido.

A chuva foi parando, o dia amanhecendo. O que ela mais queria era ir para sua casa, tomar um banho e esquecer que aquele dia havia existido. O que seria muito difícil, mas era preciso tentar. Conseguiu telefonar para a mãe que logo veio lhe buscar. Envergonhada e sentindo-se culpada, disse que para a mãe não contaria nada, pois ela só reforçaria a ideia de que se tivesse ficado em casa, nada daquilo aconteceria. Na tentativa de desmistificar essa ideia, a mesma que a fazia se sentir culpada, mostramos um dos cartazes que enfeitavam as paredes daquele lugar completamente inusitado, o qual ela havia se abrigado.

Fotografia 7 - Cartaz produzido na Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.



Fonte: Fotografia Francisca Dilger

Lembramos que todas nós, mulheres, éramos ao invés de culpadas, vítimas de uma sociedade extremamente machista e preconceituosa. Que em pleno Século XXI ainda é muito presente essa ideia, de que mulher não tem que sair de casa. E se sair, será responsabilizada pelas consequências do que lhe

acontecer. Pois já deveria saber que seu lugar é em casa e não na rua. Além de violentada somos ainda responsabilizadas pela violência que sofremos. Somos duplamente violentadas - primeiro pela violência em si e depois pela sociedade, que ainda não conseguiu avançar nos modos de pensar e agir, especialmente quando o assunto é igualdade de gênero e violência contra mulher. Que horas aconteceu? Você estava sozinha? Que roupa estava vestindo? Você o conhecia? Estes ainda são questionamentos que muitas mulheres escutam quando vão oficializar uma situação abusiva. Porém, ficar calada é pior ainda.

A moça, depois desse papo sentiu-se ainda mais acolhida, saiu de lá dizendo que registraria uma ocorrência, mesmo sabendo que não mudaria muita coisa, porém, não fazer, era tomar para si a responsabilidade do que havia acontecido. Prometeu voltar a ocupação num outro dia, quem sabe num dia em que esse assunto fosse discutido.

Aquela temática que por tantas vezes havíamos debatido, agora batia em nossa porta. Estávamos todas afetadas, sentíamos no corpo o medo que nos assombrava todos os dias. Clarice não viu mais a moça, teve notícias das colegas que ela havia estado na ocupação. Clarice logo pensou, deve ter sido num daqueles dias em que não estava com muita disposição, nestes dias ela escolhia conscientemente não aparecer na ocupação. Lembrava do que havia lido em Guattari (1985) "está havendo verdade revolucionária, quando as coisas não te encham o saco, quando você fica afim de participar"...

A temática sobre machismo, sexismo, violência de gênero, foram amplamente discutidas durante a ocupação. Por mais triste que tenha sido a situação vivida naquela noite, infelizmente não era nenhuma novidade que aquilo acontecia.

Entre outras tantas, essa especialmente chamou atenção de Clarice na ocupação. A questão racial entrou para a ordem do dia, porém, não somente nos dias em que se viveu a ocupação.

Ela continua até hoje a ressoar por todos os cantos do instituto (nas paredes, nas salas de aula). Mesmo findada a ocupação, continuou a se discutir a temática que fora levantada durante aqueles dias. Os avanços são reais, agora existem cotas raciais para ingressos na pós-graduação. Esse é um deles, fruto daqueles dias de ocupação e das acaloradas discussões.

Na ocupação, os debates sobre raça e cor eram puxados pelos colegas negros, quem tinha legitimidade para falar sobre a questão. Debate sempre delicado. Clarice, entende que dentro do atual contexto brasileiro, em se tratando da questão de raça e cor, não deixa de estar numa condição de privilégio, "somente" por ser branca. Resquícios da escravidão, vivemos até hoje o que fala a canção: "a carne mais barata do mercado, é a carne negra". Até quando? Até quando vamos viver num país onde o maior índice de mortalidade corresponde aos jovens, pretos e pobres. Até quando?

Fotografia 8 - Programação na Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.



Fonte: Página da Ocupação no Facebook: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/>

Fotografia 9 - Programação durante a Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.

Ocupação do
Serviço Social e Psicologia convida:

CINE DEBATE
com o filme:

**"CARA
GENTE
BRANCA"**

Quando? 23/11 | Quarta-feira
às 10h
na Ocupação do Serviço Social e
Psicologia

Fonte: Página da Ocupação no facebook: <https://www.facebook.com/ocupaufrgs/>

Era necessária essa discussão, num dia sim e no outro, também. Xs colegas negrxs nos lembravam todos os dias, os inúmeros privilégios que ser branco significaria. Nos debates sobre raça e etnia, eram eles que davam o tom "os brancos só ouviam". Aquele momento era pra isso mesmo, provocamo-nos certo constrangimento, "simplesmente" por sermos brancos, coisa que não parece tão simples assim, num país marcado pelo preconceito e discriminação. Era preciso pensar e muito, sobre essa questão. A ordem se invertia. Se era certo ou errado, não

sei dizer. Mas, talvez fosse essa a estratégia, pois nunca sentiremos, o que xs irmãxs pretxs sentem, todos os dias.

Lembro do dia em que uma professora, pesquisadora consagrada no Brasil visitou a ocupação. Lá pelas tantas, fala alguma coisa, que remete a essa questão. Talvez não tenha sido feliz a sua colocação, o que só nos mostra que sim, o racismo penetra nossos corpos, nossas falas, nosso coração. E também estava presente ali, presente na ocupação. Sobre aquele assunto, não lembro exatamente o que foi dito pela convidada que ali estava. Porém, se dizia bastante afetada e emocionada pelo movimento que via. Parabenizava "a garotada" por estar mobilizada, dizendo que tudo aquilo demonstrava uma esperança na juventude. Isso a fazia recordar e com todos compartilhar, as violências e repressões que vivera na época da ditadura. Mas por muitos que ali estavam isso tudo foi esquecido, só lembravam da situação que causou aquele tremendo "mal-entendido".

Foi uma cena marcante, ao falar o que não devia, logo estava cercada pelxs alunxs negrxs que de dentro do saguão saíram em fila. Se posicionaram ao lado dela feito "guardiões da ordem" unidos para dar o recado - "revissem seus discursos, seus atos, seus privilégios - preconceitos raciais, não passaram".

O clima muitas vezes ficava tenso, sempre que se caía nessa discussão. Como disse anteriormente, essa temática é bastante delicada, não sei se me sinto apropriada para seguir com essa discussão. O que parece mais interessante enaltecer foram os seus avanços. Por isso não cabe afirmar se o modo como se deu as discussões foi certo, ou não. O fato é que ainda hoje, infelizmente, algumas (muitas) pessoas permanecem vivendo em condições de exclusão. Resta a dúvida: será mesmo que acabou a escravidão?

A ocupação sim, acabou, depois de quase 60 dias. A PEC 55, que era nossa "pauta majoritária" havia sido aprovada pelo

congresso, restava ainda ser apreciada pelo Senado. Mas não restava dúvida, sobre isso já era sabido. Os direitos da classe trabalhadora estavam sendo esmagados. O que agora se tornava questão para Clarice, era saber, o que restava da ocupação.

3.4 Militância e Arte - Sobre o Sarau:

um dispositivo em análise

Fotografia 10 – Registro da noite do Sarau



Fonte: Fotógrafo anônimo

*Com amor no coração,
 Preparamos a invasão
 Cheios de felicidade
 Entramos na cidade velha.
 Alto astral, altas transas, lindas canções
 Afoxés, astronaves, aves, cordões
 Avançamos através dos grossos portões
 Nossos planos são muito bons
 (Os Mais Doces Bárbaros - Doces Bárbaros)*

Ao som dos Doces Bárbaros, ouvimos aqueles amigos cantar em alto astral, que preparavam a invasão, estavam cheios de felicidade, queriam avançar através dos grossos portões e, ainda diziam, que seus planos eram muito bons. Aquele grupo (talvez sem saber) tinha algumas particularidades que lhes aproximava daquele que eles haviam escolhido para dar início às atividades daquele momento poético, cultural.

Os Doces Bárbaros - grupo musical formado por amigos que decidem realizar uma turnê pelo país, em comemoração aos 10 anos de suas carreiras individuais. Reunindo no show canções especiais compostas por eles. Diante do sucesso, o trabalho foi gravado, transformado num disco e também num documentário. Os Doces Bárbaros podem ser considerados como uma típica banda hippie do anos 70.

Já aquele outro grupo, também de amigos, que cantavam entusiasmados, como um raio de Iansã, dizendo que queriam resgatar as memórias daquelas manhãs vermelhas. Também eram um tanto "paz e amor". E juntos decidiram se reunir para celebrar, comemorar, e principalmente reviver aquilo que durante intensos dias tinha afetado seus corpos, e conseqüentemente modificado seus modos. Vidas que foram se transformando, individualidades se coletivizando. Aquele lugar - a universidade, foi e continuará sendo palco de encontros e desencontros.

Lá estava Clarice atenta às sensações, queria se desencontrar dela mesma, provocar movimentos que a deslocassem dos seus próprios contornos. Via na arte, essa potência, um

dispositivo que a conduzia a experimentar deslocamentos "menores", e que bagunçava esse "sí mesmo" bem contornado.

Ela que também era dada aos afetos, lembra de um quadro, com uma arte linda pintada. Colorida, enfeitava as paredes do bar, que ela por vezes ia se embriagar. Aquele quadro na parede pendurado continha uma frase, que Clarice jamais esqueceu, toda vez que esmorece recorda o que lá, ela leu: "o amor dará o golpe, em ti, em mim e em todos nós".

Já a paz, deixava Clarice cansada, sabe como é? Um tanto, sem disposição. Ela dizia que era em nome da paz que muitas das revoltas que sentia, novamente as engolia. E reconhecia o quanto isso lhe fazia mal.

No dia do sarau, a palavra ela tomou e praticamente vomitou um poema, que não era de amor, e sim de dor. A dor de uma mãe que perde seu filho, mas que eu nome da paz, não sai por aí, soltando tiro!

*Eu não sou da paz.
Não sou mesmo não. Não sou.
Paz é coisa de rico.
Não visto camiseta nenhuma, não, senhor.
Não solto pomba nenhuma, não, senhor.
Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou.
A paz é uma desgraça. Uma desgraça.
Carregar essa rosa boba na mão. Nada a ver. Vou não.
Não vou fazer essa cara. Chapada.
Não vou rezar.
A paz não resolve nada.
Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão.
Você viu lá, aquela atriz no trio elétrico? Vo não, não vou.
A paz é muito certinha, tadinha ...
(Da paz - Marcelino Freire)*

Fotografia 11 – Registro da noite do Sarau**Fonte:** Fotógrafa Helena Soares

Noite fria de junho, era 21 - solstício de inverno, alguém lembrou. Nada mau, uma bela noite para fazer um sarau. Noite longa, logo não pareceu. Clarice lembra da intensidade das coisas que lá viveu. Do tempo correr devagar, parecia que estávamos suspensos num outro tempo, não o mesmo que o relógio marcaria. Era o tempo da ocupação, que estávamos revisitando naquela noite fria. Que logo foi sendo aquecida, pelos corpos que ali permaneciam, e também pelas chamas das velas que iluminavam o que outrora era pátio, e logo se transformou num cenário poético.

As velas que compunham o cenário, davam certo tom, também de velório. Quando uma música em especial foi cantada, não tinha mais dúvida, a morte da ocupação pelas cordas do violão foi sendo tocada. A voz daquele amigo, como um eco aos poucos foi fazendo sentido, Clarice foi percebendo a combinação entre morte e vida, entre luta e luto.

*Não tenho medo da morte,
 mas sim medo de morrer
 qual seria a diferença
 você há de perguntar
 é que a morte já é depois
 que eu parar de respirar
 morrer ainda é aqui
 na vida, no sol, no ar
 ainda pode haver dor
 ou vontade de mijar
 (Não tenho medo da morte - Gilberto Gil)*

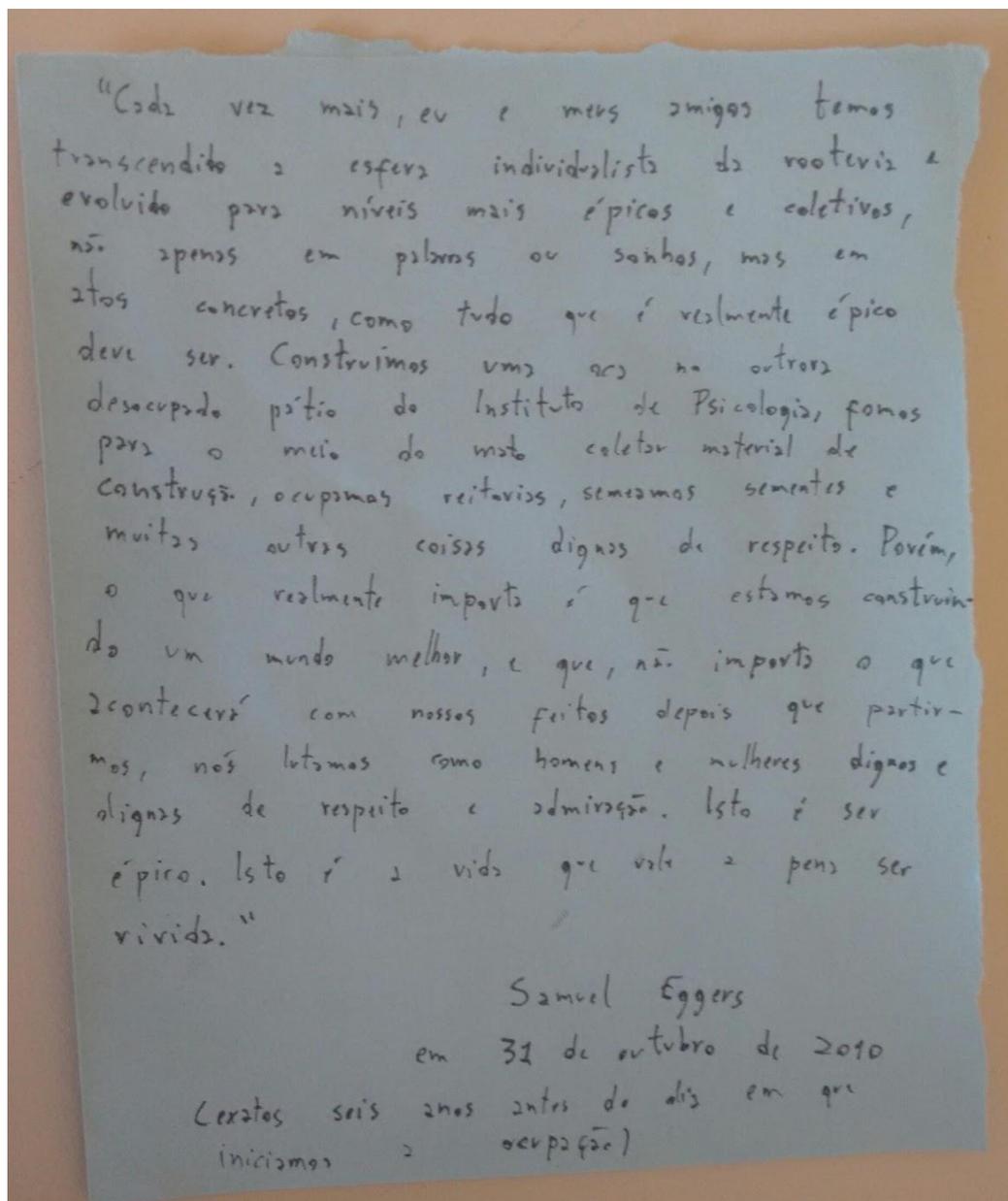
O amigo ensaísta, foi improvisando versos ao microfone, sua voz trêmula anunciava um choro, que aos poucos foi se diluindo, nas palavras de consolo. Mas não era um consolo qualquer, tampouco parecia tolo, eram palavras de despedida, as proferidas por ele. De quem sentia saudades de ver a Universidade ocupada e cheia de vida. Sabendo que àquele momento não voltaria, reunir-se novamente, era um jeito de manter as memórias da ocupação viva.

*Sabíamos que nosso movimento era temporário,
 sabíamos que não iríamos ocupar para sempre...
 O importante era viver o presente -
 o instante presente!
 Fazer a ocupação viver no presente.
 Fazendo a universidade entrar em movimento,
 movimentando a universidade.
 Universalizando a universidade
 (Versos de improviso, Rodrigo Isoppo - o Pão)*

Muitas foram as coincidências vividas nos tempos da ocupação, uma delas especialmente foi lembrada durante o momento do sarau. A história que Clarice anunciou, mas não contou, aquela sobre o DASEIN - Diretório Acadêmico Samuel Eggers, o Incrível. Porém, antes de contar a história, é importante dizer que o diretório foi batizado com esse nome, em sinal de homenagem a esse grande personagem, que marcou a história do Instituto de Psicologia. Samuel Eggers - psicólogo, graduado nesse Instituto, foi brutalmente

assassinado no dia 13 de setembro de 2013. A mídia tentou amenizar o crime, dizendo se tratar de latrocínio (roubo, seguido de morte) porém, nada dele foi roubado, a não ser a possibilidade de continuar sonhando e semeando rebeldias. Ao que tudo indica, Samuel foi brutalmente assassinado por mãos repressivas e conservadoras, as quais, permanecem impunes até os dias de hoje.

Fotografia 12 - Registro do Diário da Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.



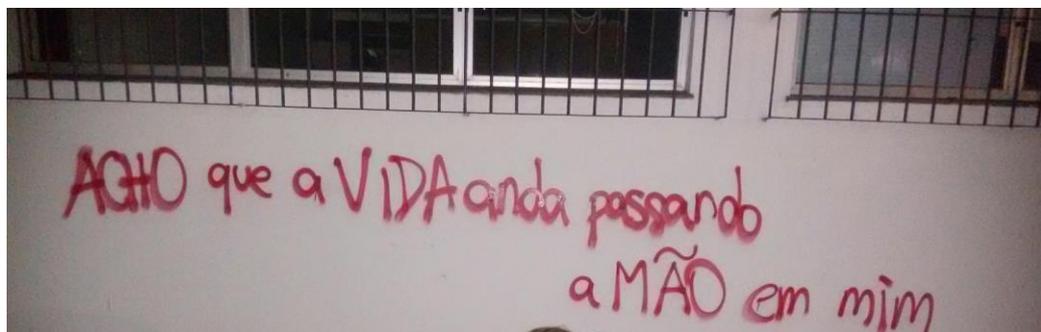
Fonte: Registro próprio

O Incrível Samuel escrevera isso exatamente seis anos antes do dia em que a ocupação foi iniciada. Estas são aquelas coisas, das quais, não se tem explicação. Resta-nos seguir admirando e afetando-se por estas palavras. Clarice, alia-se a este pensamento, por entender que ele traduz um viver ético. A vida que vale a pena ser vivida.

Este pequeno e potente pedaço de papel azul, foi cuidadosamente guardado dentro do diário - fruto da ocupação. Outro detalhe que Clarice não havia nos contado, foi que a ocupação produziu um diário, ele fica bem guardado lá dentro do diretório. Na noite do sarau esse mesmo diário estava a disposição para quem quisesse manusear e até mesmo, arriscar repartir alguma recordação.

No dia seguinte, lá estava Clarice novamente a andar pelo Instituto, mesmo sem querer, encontrou mais um registro, que lhe dava pistas dos caminhos a percorrer.

Fotografia 13 – Rastros do Sarau – Parede do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.



Fonte: Registro próprio

*Acho que a vida anda passando,
Acho que a vida anda,
A vida anda em mim,
Acho que há vida em mim.
A vida anda passando a mão em mim.
(Tempo - Viviane Mosé)*

Clarice andou mais um pouco, e logo encontrou o que tanto queria. Lá estavam eles, os três amigos a comemorar o lindo sarau que haviam produzido. Clarice, sem saber muito o que dizer, logo tratou de agradecer pela bela noite que tinha vivido. Perguntou se poderia sentar e conversar um pouco. O que ela queria mesmo, era se aproximar daquele grupo. Eles gentilmente lhe acolheram e com ela repartiram os detalhes de como foi viver o processo que antecedeu aquele momento.

Não sabemos exatamente em que momento, nem da boca de quem saiu essa palavra - Sarau! Mas éramos três - amigos, jovens, estudantes, pesquisadores, militantes... Não estávamos sós. Estávamos acompanhados de uma sábia orientadora, que cuidadosamente ia nos ajudando a costurar as ideias e principalmente ascendia um fogo, uma animação em nós. Era visível seu entusiasmo, seus olhos brilhavam, como os de uma criança que se prepara para uma viagem, num lugar completamente inusitado.

Muitas eram as coincidências que os aproximavam... Os três também haviam participado da ocupação do IP. Em suas conversas quase sempre se recordavam de algum momento vivido lá. Sobretudo, quando o assunto era modos de militância, compartilhavam que existia uma novidade ali, naquele processo vivido por cada um. O que fazer com todas aquelas memórias e recordações?

Tinham coisas para contar e uma vontade enorme de se ouvir, talvez um desejo de não deixar aquilo tudo esmorecer. Um desejo de recordar e relembrar as memórias e os rastros do que havia significado a ocupação do IP. Será que outras pessoas também sentem esse desejo? Será que tinham vontade de um novo encontro? Essas questões os levavam para um caminho... Construir um momento/encontro em que as pessoas se sentissem à vontade para partilhar suas memórias. Seria um reencontro. Um sarau!

Trataram de chamar outras pessoas que estivessem a fim de se somar e ajudar a pensar. Porém, não contaram com mais ninguém. Mesmo assim, seguiram se reunindo, horas na casa de um, horas lá mesmo, no Instituto. Estudando, lendo, escrevendo, cantando, dançando, juntos foram montando, o que Clarice viu se realizar naquela noite. Um belíssimo encontro, poético, artístico. Digno de ser chamado de Sarau - "Ocupa: reencontro, rastros e recordações - Museu, no somos, no som, no eco".

Mas por que um Sarau? Clarice perguntou. Ora! Queríamos que fosse um momento de encontro, de trocas e afetos. Pensamos, nada mais apropriado que a arte para amolecer os corpos por vezes tão enrijecidos por ter de suportar o peso da própria vida - obrigações, compromissos, forças molares, que nos irrompem e nos subjetivam cotidianamente. A arte como gatilho para experimentação de outros tempos, outros modos, mais fluídos e leves. Um corpo que se inventa no instante presente, no aqui, agora da intervenção artística.

Convites espalhados pelo Instituto, fizemos evento no Facebook e tudo... Vieram alunos da graduação, da pós-graduação, alguns poucos do serviço social, vieram também pessoas que não estavam mais vinculadas a universidade.

Não foi apenas uma noite para reviver o processo da ocupação, algumas daquelas pessoas estavam lá revisitando, depois de muito tempo o Instituto de Psicologia e suas dependências, emocionaram-se ao entrar novamente do DASEIN. Uma delas, lembravam eles, contava com surpresa o tempo que havia passado desde a última vez que tinha estado ali. De como as coisas estavam diferentes, mas outras pareciam intactas a passagem do tempo. Foi um pouco isso, o que sucedeu. Acho que o resto você mesmo poderia contar, afinal, estava lá, participou de tudo aquilo... Clarice depois desse encontro, percebe que concluiu algo errado. Aqueles amigos não eram, como havia dito, um tanto "paz e amor". Eram sim de "amor e

guerra”, uma guerra contra o esquecimento, e, portanto, uma guerra por memórias.

Clarice envolta a seus pensamentos, ensaia um registro. Porém, logo de início se depara com as dificuldades de quem se atreve escrever... Muitas pessoas se referem a escrita, como um processo solitário, concordo em partes, mas não totalmente! Pois sinto que no processo da escritura, estamos acompanhados de vários de nós. Confesso que isso me assusta um pouco. No fundo é um medo louco de se perder por entre as tantas possibilidades do que posso vir a ser. Medo de enlouquecer!

Deleuze e Guattari falam sobre isso, mas onde foi? Achei! É em *Mil Platôs* (1995). Logo na introdução eles dizem: “escrevemos *O Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente” (DELEUZE E GUATTARI, 1995,p. 17). Nossa, isso é demais! E ao mesmo tempo, extremamente corajoso. Como assim, somos vários? E o meu *Euzinho*? Segundo eles, preservamos nossos nomes por hábito. Para tornar imperceptível o que nos faz agir, experimentar e pensar.

Quero experimentar esse deslocamento subjetivo, sugerido por eles. “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.17). Isso é muito radical e ao mesmo tempo assustador!

Quando registro no papel palavras, que vão formando um texto/história/narrativa que vai movimentando meu corpo, meus dedos no teclado do computador, movimenta muito mais. Movimenta também o pensamento, que vai fazendo conexões com tempos vividos e outros ainda por vir. Se atualizam no presente instante em que minha escrita vai sendo registrada pelos meus dedos que tocam os teclados desta máquina. Máquina de guerra? A escrita? Talvez!

Acreditar na potência da escrita e em tudo que ela pode transformar é o que quer Clarice. Ao registrar suas histórias,

registra também pedaços seus e com delicadeza vai compondo o que agora também sou eu. Clarice, não vá embora não sei mais quem serei depois que você partir. Leva junto de si pedaços meus. Afinal, quem é você? Sem você, quem serei eu?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MAIS DE RECOMEÇO DO QUE DE FIM

Fotografia 14 – Acervo da Ocupação do Instituto de Psicologia e Serviço Social UFRGS.



Fonte: Fotografia Sofia Tessler

Abrir brechas no fazer e no excitar a militância, examinar com cuidado essa prática que se quer e se acredita potência transformadora, transformadora do mundo e consequentemente de si. Abrir brechas nos contornos da própria vida, na ordem que quer estabelecer os modos de como se deve viver e, portanto, militar. Brecha é sinônimo de abertura, que logo nos remete a algo inusitado. Foi o que se pretendeu com este estudo, abertura de brechas nos modos de militância. Pensando, para tanto, na possibilidade de inventar uma militância clandestina, longe das filiações e certas obrigações que este fazer pode corresponder. Uma militância menor que necessita ser inventada cotidianamente, onde cada um estiver, seja na vida profissional, em nossas pesquisas, inclusive e principalmente nos modos como nos relacionamos afetivamente, com as pessoas, com a natureza. Militância que pretende provocar mudanças a partir de movimentos micropolíticos. Uma militância que pretende minorar os modos hegemônicos e predefinidos.

A questão que perpassa o pensamento foucaultiano: “Como nos tornamos o que somos?”. Esteve presente nas entrelinhas deste estudo. Nos caminhos que nossa personagem

percorreu, as questões que levantou, o exercício do pensamento que ficou evidente em suas narrativas, foi sem dúvida influenciado pelas reflexões teóricas produzidas por este autor.

Realizamos no decorrer deste estudo um levantamento histórico sobre a emergência dos movimentos sociais, perpassando por contextos atuais, como as Jornadas de Junho de 2013, as Ocupações Estudantis ocorridas em 2016. As diferentes formas de mobilizações colocadas para cada momento histórico. Seguida de uma revisão de literatura sobre os fatos que podem levar ao engajamento dos sujeitos nos movimentos sociais. Também pensamos junto de alguns autores e conceitos os processos de subjetivação e suas micropolíticas presentes nas diferentes formas de militância. Registramos então os elementos metodológicos que sustentam e fundamentam este estudo cartográfico, o qual, foi também constituído por narrativas. As narrativas correspondem a recortes de situações onde se evidencia as experimentações do que chamamos neste estudo de “militância menor” narradas por nossa personagem, Clarice.

A escolha por trazer para este estudo uma personagem para compor as narrativas que se encontram registradas aqui, está em correspondência com a ideia de pensar a militância presente também no fazer artístico, como foi possível acompanhar nas narrativas, especialmente a que corresponde ao sarau.

Clarice foi uma personagem que encontrei no fazer artístico do teatro¹¹, uma personagem também em crise que questiona o mundo das certezas, porém, que rompe com os binarismos colocados naquele determinado contexto, respondendo de forma bastante inventiva sobre os caminhos que pretende seguir com a afirmação: Das duas, outras! Esta afirmação é feita por Clarice num diálogo com o vendedor de certezas, e também é a sentença que dá nome ao Grupo de Pesquisa e Experimentação Teatral que tem, em seu repertório de intervenções artísticas, a peça “O Vendedor de Certezas”.

Entendendo que assim como a arte, Clarice corresponde a essa força que coloca em suspensão os ordenamentos do mundo e que movimenta o pensamento noutras direções. No entanto, é importante ter presente o que nos alerta Deleuze (2010). “É preciso que a própria variação não deixe de variar, quer dizer, que ela passe efetivamente por novos caminhos sempre inesperados” (DELEUZE, 2010, p. 60).

Na introdução desta obra, Roberto Machado refere que “a função política do teatro – e da arte em geral – é contribuir para a constituição de uma consciência de minoria”.

¹¹ Clarice é uma das personagens que compõe o enredo da peça de teatro “O vendedor de Certezas” sob texto e direção de Ana Helena Amarante. A peça discute a necessidade de certezas em nossos cotidianos, suas alianças com o capitalismo e as diferenças que escapam e que se inventam para além dessa necessidade.

(DELEUZE, 2010, p. 17). Por isso, a escolha de compor as narrativas através desta personagem. Clarice talvez tenha ocupado neste estudo uma autoria menor, pensando novamente junto de Deleuze: “Não é nem o histórico nem o eterno, mas o intempestivo. E um autor menor é justamente isso: sem futuro nem passado, ele só tem um devir, um meio pelo qual se comunica com outros tempos, outros espaços”. (DELEUZE, 2010, p. 35).

A vela amarela usada para queimar o crachá foi presente de Clarice, foi essa mesma vela que ornamentou e iluminou o cenário naquela noite que se realizou o Sarau. Ela seguirá iluminando e aquecendo os caminhos e as militâncias que insistentemente seguiremos a provocar. E nesse caminhar muitas canções e nos embalar, uma especialmente parece demonstrar o que até então chamamos de militância menor.

*É o estado de poesia...
Chega tem hora que ri de dentro pra fora
não fica nem vai embora
É o estado de poesia
(Estado de Poesia - Chico César)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. M. C. Construindo o consentimento: Corporativismo e Trabalhadores no Brasil dos anos 30. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. 1994.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8º Ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- CATTANI, A. D. (organizador) #protestos: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.
- COIMBRA, C. M. B. Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas *psi* no Brasil do “Milagre”. Ed. Oficina do autor, Rio de Janeiro – 1995.
- COIMBRA, C. M. B. & LEITÃO, M. B. S. Direitos Humanos e a Construção de uma Ética Militante. Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC n. 9 – jan./jun. 2007.
- DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G. & PARNET. C. Diálogos; tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1; tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, editora 34, 1995.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia; tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa, editora Assírio & Alvim, 2004.
- FONSECA, T. M. G. NASCIMENTO, M. L. MARASCHIN, C. (Orgs) Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012
- FOUCAULT, M. . Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In PELBART, Peter Pál & ROLNIK, Suely. Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudo e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP – v.1, n.1. 1993.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete, 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Org. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª ed., 2015.
- FUGANTI, Luiz. A Ética Como Potência e a Moral Como Servidão. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/23/681/>. Acessado em: 22 de março de 2018.

FUGANTI, Luiz. Saúde, Desejo e Pensamento. In SaúdeLoucura, n.2, Editora Hucittec, São Paulo, 1990.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.. São Paulo: Vozes, 2011.

GUATTARI, F. Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo. Org. Trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo: editora Brasiliense. 3º 1985.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 9º ed, 2008.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência - Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Tradução: João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, 2002.

LISPECTOR. Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1998.

LUCAS, D. C. Os Novos Movimentos Sociais Contribuindo para a Afirmação Democrática do Direito e do Estado. Direito em Debate. Ano XIV nº 25, jan./jun. 2006, p. 53- 88.

MARCELINO, P. Sindicalismo e neodesenvolvimentismo: Analisando as greves entre 2003 e 2013 no Brasil. Tempo Social – Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo., v. 29, n. 3. p. 201-227/Ano 2017.

NARDI, H. C. Relações de gênero e diversidade sexual: compreendendo o contexto sociopolítico contemporâneo. In Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas/ organizado por: Henrique Caetano Nardi, Raquel da Silva Silveira e Paula Sandrine Machado. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NAUJORKS, C. J. & SILVA, M. K. Correspondência identitária e engajamento militante - Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 136-152, jan.-mar. 2016.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Prólogo nr. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2º ed., 2007.

PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Orgs). Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELBART, Peter Pál. Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PELBART, Peter Pál. Anota aí: eu sou ninguém. Disponível em:

http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed756_anota_ai_eu_sou_ninguem/.
Acessado em: 07 de maio de 2018.

RUSKOWSKI, B. O. & SILVA, M. K. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise - Revista Brasileira de Ciência Política, nº 21. Brasília, setembro/dezembro de 2016, pp 187-226.

SADER, E. Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 – 3ª Reimpressão 1995.

SILVA, R.N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOARES DE BEM, A, A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX – - Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006.

SOUZA, N. R. A esquerda militante: entre o engajamento pastoral e os revides locais. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 12, jun. 1999, pp. 131-146.

TIETBOEHL, L. K. POLÍTICA NA RUA: modos de subjetivação e resistência nos movimentos de ocupação dos espaços públicos. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2015

OUTRAS FONTES

BELCHIOR. Divina comédia humana. Em: CD Acústico. Brasil: Arlequim Discos. 1991.

_____. Como o diabo gosta. Em: Alucinação. Brasil: Philips/Phonogram. 1976.

CÉSAR, Chico. Estado de poesia. Em: Estado de Poesia. Brasil: Laboratório Fantasma. 2015.

FRANCISCO, el Hombre. Triste, Louca ou Má. Em: SOLTASBRUXA. Brasil: Estúdio Navegantes. Gravado de forma independente. 2016

GIL, Gilberto. Não tenho medo da morte. Em: Banda Larga Cordel. Brasil: Warner Music. 2008.

OS DOCES BÁRBAROS. Os mais doces bárbaros. Em: Doces Bárbaros - Ao Vivo. Brasil: Polygram. 1976.